



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARISA PEREIRA DE OLIVEIRA

**PERCEPÇÕES SOBRE A PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS,
ADULTOS E IDOSOS:
Superando Desafios e Traçando Metas**

**AMARGOSA-BAHIA
2024**

MARISA PEREIRA DE OLIVEIRA

**PERCEPÇÕES SOBRE A PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS,
ADULTOS E IDOSOS:**

Superando Desafios e Traçando Metas

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr. Maria Eurácia Barreto de Andrade

**AMARGOSA-BAHIA
2024**

MARISA PEREIRA DE OLIVEIRA

**PERCEPÇÕES SOBRE A PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS,
ADULTOS E IDOSOS:**

Superando Desafios e Traçando Metas

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: ____/____/20____.

BANCA EXAMINADORA

Maria Eurácia B. de Andrade

MARIA EURÁCIA BARRETO DE ANDRADE - ORIENTADORA

Doutora em Educação

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Luana Patrícia Costa Silva

LUANA PATRÍCIA COSTA SILVA - AVALIADORA

Doutora em Educação

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Gilsele Macedo Freitas

GILSELIA MACEDO FREITAS - AVALIADORA

Doutora em Educação

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Dedico esta pesquisa para o meu filho Thiago de Oliveira Santos,

Neste caminho repleto de descobertas e aprendizados, dedico estas palavras a você, meu amado filho. Cada linha escrita, cada esforço em busca do conhecimento, é guiado pelo amor e pela inspiração que você trouxe à minha vida.

Thiago, minha fonte de motivação, és o sol que ilumina meus dias e a razão que impulsiona meus passos. Cada conquista alcançada nesta jornada acadêmica é, sem dúvida, um reflexo do amor incondicional que recebo de você diariamente.

Neste trabalho, celebro não apenas a conclusão de uma etapa, mas também a nossa cumplicidade, o apoio constante e a compreensão que tornaram possível este feito. Cada desafio superado é um testemunho do quanto somos capazes quando temos a força e o carinho de quem amamos.

Agradeço por ser a inspiração que move meu coração, por ser a razão que me impulsiona a ir além. Que este trabalho seja não apenas um marco acadêmico, mas um registro do amor e da dedicação que permeiam nossa jornada juntos.

Com todo meu amor,

[Marisa Pereira de Oliveira]

AGRADECIMENTOS

Agradeço do fundo do meu coração a **Deus**, a fonte generosa que me presenteou com a dádiva da vida, guiando-me com Sua misericórdia infinita. É **a Ele** que expresso minha gratidão por estar ao meu lado, ajudando-me a superar cada desafio encontrado ao longo desta jornada. Sua presença constante foi a luz que iluminou meu caminho, conduzindo-me à vitória, a conquista do meu mais precioso objetivo. Com um coração transbordante de emoção, reconheço Sua grandiosidade e amor incondicional em cada passo desta trajetória.

Expresso minha profunda gratidão à **minha amada família** pelo apoio incondicional e incentivo que foram como bálsamo nos momentos mais desafiadores. Quero dedicar um agradecimento especial **ao meu querido filho, Tiago**, por compreender com tanto carinho e paciência a minha ausência durante o período em que me dediquei de corpo e alma à realização deste curso. Cada gesto de compreensão de vocês foi o alicerce que sustentou meu caminho, tornando esta jornada ainda mais valiosa e significativa.

Aos queridos colegas, desejo que os laços preciosos de convivência que construímos ao longo desta jornada permaneçam firmes e estreitos, mesmo diante dos desafios que possam surgir em nosso caminho. Que o sucesso seja uma presença constante em cada passo de nossas vidas profissionais, e que possamos continuar compartilhando conquistas e apoiando uns aos outros como uma verdadeira família. Que o futuro reserve a todos nós momentos de prosperidade e realizações.

Aos queridos professores, expresso minha profunda gratidão pelas orientações e ensinamentos que me possibilitaram aprimorar minha conduta durante meu processo de formação profissional. Dedico esta singela homenagem a todos vocês, mestres que conduzem o conhecimento com mérito, moldando as vocações e tornando nossos ideais em concretas realizações. Cada retificação recebida foi uma oportunidade de crescimento, e cada lição compartilhada deixou marcas duradouras em meu percurso acadêmico. Obrigado por serem inspiração e guia em minha jornada educacional.

A minha orientadora Dra. Maria Eurácia, consagro o resultado de um esforço habitual, perspicaz e íntegro em prol das orientações da minha pesquisa. Neste momento de conclusão do meu trabalho acadêmico, quero expressar minha profunda gratidão por sua

orientação dedicada e inspiradora. Sua orientação foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho, e seu conhecimento e comprometimento tornaram esta jornada acadêmica mais rica e significativa. Ao longo do processo, pude contar com sua orientação sábia, paciência incansável e apoio encorajador. Suas sugestões e insights foram fundamentais para o aprimoramento do trabalho, e cada conselho foi recebido com profundo respeito e consideração. Agradeço por sua generosidade em compartilhar seu tempo e conhecimento, por acreditar no meu potencial e por guiar-me com maestria nesse desafio acadêmico. Sua presença foi um farol constante, iluminando o caminho para o sucesso. Saiba que sua influência positiva estará presente não apenas neste trabalho, mas em toda minha trajetória acadêmica e profissional. Agradeço sinceramente por ser uma mentora tão excepcional. Manifesto minha eterna gratidão.

Por fim, desejo expressar minha gratidão a todos que, de maneira direta ou indireta, colaboraram de alguma forma na concretização do meu sonho. Cada gesto, apoio e presença foram como luzes que iluminaram meu caminho, tornando possível a realização deste feito tão significativo. Obrigado por fazerem parte dessa trajetória e por compartilharem comigo a alegria deste momento especial.

[...] Tempo tempo tempo tempo
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo tempo tempo tempo
Entro num acordo contigo
Tempo tempo tempo tempo
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo tempo tempo tempo [...]

(Música: “Oração ao tempo”, compositor Caetano Veloso)

RESUMO

A presente monografia é um mergulho nas entranhas da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) no Brasil, destacando não apenas a cronologia histórica, mas também as batalhas travadas ao longo dos anos. Nesse tecido intrincado de narrativas, buscamos não apenas entender a história, mas, nos dias atuais, nos propomos a refletir sobre quem são os estudantes da EJAI e os desafios que enfrentam para permanecer na escola. Nosso principal objetivo foi compreender os principais desafios enfrentados pelos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos para a garantia da permanência na escola. Para alcançar esse propósito, delineamos objetivos específicos que conduzem nossas reflexões: compreender a construção histórica da EJA ao longo dos tempos, refletir sobre as narrativas dos estudantes e suas lutas pela conquista da escolarização, e identificar as expectativas desses estudantes em relação à escolarização na modalidade da EJAI. Em consonância com esses objetivos, adotamos os pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa, reconhecendo a importância de considerar todo o contexto investigado para uma compreensão mais profunda da temática. Nesse sentido, utilizamos instrumentos de produção de dados que permitem captar não apenas números, mas as nuances das experiências vivenciadas pelos estudantes. A revisão bibliográfica e os questionários foram os meios escolhidos para tecer esse diálogo sensível. Ao nos debruçarmos sobre as narrativas dos estudantes da EJAI, é possível vislumbrar não apenas as barreiras, mas também a força resiliente que os impulsiona a perseguir a escolarização. Assim, ao final desta jornada de pesquisa, emerge uma compreensão mais profunda da importância da EJAI na vida de muitos estudantes. Cada página escrita é um tributo à resiliência daqueles que enfrentam desafios singulares, mas que, mesmo assim, persistem na busca por conhecimento. Este estudo traduz-se em um testemunho das vozes que clamam por oportunidades educacionais e um apelo à sociedade para reconhecer e valorizar a jornada educacional de todos, independentemente da idade. Por fim, ficamos aqui com a certeza de que cada reflexão, cada objetivo delineado, foi conduzido por um profundo respeito às histórias que ecoam nas salas de aula da EJAI. E, ao compreender os desafios e anseios desses estudantes, reafirmamos o compromisso de continuar lutando por uma educação mais inclusiva, acessível e humanizada. Afinal, a EJAI não é apenas uma modalidade educacional; é uma porta aberta para a transformação de vidas e a construção de um futuro mais igualitário.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens Adultos e Idosos – Narrativas estudantis – Desafios – Permanência – Tempo

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: PROGRAMAS FEDERAIS	33
-------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEAA	Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CPCTAL	Campanha Pé no Chão Também se Aprende a Ler
CES	Centro de Estudos Supletivos
CFP	Centro de Formação de Professores
CPC	Centros Populares de Cultura
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EJAI	Educação de Jovens Adultos e Idosos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MCP	Movimento de Cultura Popular
MOVA	Movimento de Alfabetização
MEB	Movimento de Educação de Base
PAS	Programa de Alfabetização Solidária
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
PLANFOR	Plano Nacional de Formação do Trabalhador
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
TOPA	Todos pela Educação
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. O BROTAR DA PESQUISA: NARRATIVAS DE VIDA-ESCOLARIZAÇÃO E IMPLICAÇÕES COM O OBJETO INVESTIGADO	11
2. NOTAS INTRODUTÓRIAS	14
3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E OS DESAFIOS PARA A GARANTIA DO DIREITO A PERMANÊNCIA	21
3.1.EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL AO LONGO DOS TEMPOS: AVANÇO OU RETROCESSO?	22
3.2.SUJEITOS E CONTEXTOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS	36
3.3.A PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS E OS DESAFIOS ENFRETTADOS	43
4. TRILHA METODOLÓGICA DA PESQUISA	50
4.1.ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA	50
4.2. CAMINHOS UTILIZADOS	53
4.2.1. Levantamento Teórico	54
4.2.2. Questionário	55
4.3. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA	58
4.4.PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS	60
5. NARRATIVAS DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS E SUAS LUTAS PARA A GARANTIA DO DIREITO A ESCOLARIZAÇÃO	63
5.1.NARRATIVAS DOS ESTUDANTES DA EJA E OS DESAFIOS ENFRETTADOS PARA A GARANTIA DA ESCOLARIZAÇÃO	64
5.2.OS ESTUDANTES DA EJA E AS EXPECTATIVAS COM A PERMANÊNCIA ..	68
6. NOTAS CONCLUSIVAS	74
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICES	82

1. O BROTAR DA PESQUISA: NARRATIVAS DE VIDA-ESCOLARIZAÇÃO E IMPLICAÇÕES COM O OBJETO INVESTIGADO

Eu, Marisa Pereira de Oliveira, 53 anos, sou a resultante de uma história marcada pelo amor e pela diversidade que moldaram a essência da minha existência. Filha de Helena Antônia Pereira de Oliveira, professora dedicada, e Leonidio Alves de Oliveira, trabalhador incansável nos campos da agricultura.

A trajetória da minha vida desvela uma jornada em constante evolução, marcada por experiências que enriqueceram meu caminho. No estado civil de divorciada, encontrei força e aprendizados significativos na maternidade, sendo mãe de um filho único que é a luz dos meus dias.

Atualmente, mergulho nos saberes da Pedagogia, uma jornada acadêmica que me desafia e inspira a cada novo conhecimento. Exerço a função de assistente de classe, onde encontro a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento educacional de crianças, vivenciando diariamente o poder transformador da educação.

Minha história é entrelaçada com a presença calorosa de uma família numerosa, composta por nove irmãos e 12 sobrinhos. A pluralidade de laços familiares se torna um alicerce, proporcionando apoio, aprendizado e a riqueza de compartilhar a vida com aqueles que amo.

Assim, cada capítulo da minha vida é uma página que se escreve com as cores dos vínculos familiares, o desafio da educação, e a busca constante pelo conhecimento. Em cada desafio, encontro a força na minha origem, na minha família, e nas experiências que moldam a narrativa única que é a minha vida.

A sede da minha primeira escola funcionava na casa dos meus pais e minha mãe era a professora. A referida escola atendia em três turnos, com turmas multisseriadas, e no noturno, o antigo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL¹).

Fui alfabetizada por minha mãe, professora leiga, oriunda de escola rural. Quando eu completei dez anos, meu pai veio a falecer, assim sendo, minha mãe não tinha experiência para cuidar e administrar a parte agrícola da fazenda. Sendo assim, vendeu a propriedade e migramos para a cidade de Amargosa. Nossa primeira residência ficava situada na Rua Tenente Miguel, no bairro Santa Rita, em frente à escola Vivalda Andrade, onde concluí o fundamental 1.

¹ Refere-se ao Movimento Brasileiro de Alfabetização, um movimento nacional de alfabetização que tinha como objetivo primordial era a erradicação do analfabetismo, visando, entre outros propósitos, garantir o voto dos não alfabetizados e promover o desenvolvimento industrial no país.

Ao concluir o curso, minha mãe não concordava que eu continuasse com os estudos, pelo fato de presenciar o comportamento das minhas colegas e irmãs, que ao invés de irem à escola, desviavam de caminho e iam namorar o que muitas vezes resultava em gravidez indesejada.

Mas eu fui em frente, persistindo em estudar, cuidando eu mesma de mudar essa situação e solicitando a minha transferência na secretaria da escola que estudava. Dirigir-me ao Colégio Santa Bernadete para fazer minha matrícula e poder dar continuidade aos meus estudos.

Os funcionários da secretaria do Colégio Estadual Santa Bernadete questionaram a ausência dos meus pais ou de um responsável, tendo em vista a minha menor idade. Mas, diante da minha convincente explicação, resolveram efetuar minha matrícula.

Havia também a dificuldade de obter material escolar, pois minha mãe negou-se a me ajudar. Algumas vezes quem fornecia meu material escolar eram as minhas irmãs, mas nem sempre podiam, dessa forma, eu recorria ao trabalho rural, ia trabalhar na roça colhendo castanhas, pois só assim teria o dinheiro necessário para a compra do material escolar.

Sempre fui uma aluna dedicada e com boas notas, apesar de não ter livros para estudar, mas tinha ajuda das minhas colegas de classe nas tarefas escolares. Mesmo diante das dificuldades, concluí os anos finais do Ensino Fundamental que à época era conhecido como ginásio.

Quando estava na 8ª série², tive meu primeiro namorado e de imediato minha mãe nos obrigou a casar. Só aceitei porque poderia continuar meus estudos.

Foi um período difícil, pois comecei o ensino médio com o desafio de conciliar casa, estudo e marido. Apesar dos desafios, no ano de 1991, me formei em magistério. E no ano de 1993, nasceu meu primeiro e único filho.

O tempo passou e com a chegada da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores, campus de Amargosa voltei aos estudos, já estando divorciada e sem a aprovação das minhas irmãs que duvidavam da minha capacidade.

Como sempre, continuei buscando os meus objetivos que era adentrar na universidade. Durante o dia trabalhava e à noite fazia um curso preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Fiz o Enem, obtive 600 pontos; não efetuei a matrícula. No ano seguinte fiz o Enem novamente e obtive pontos suficientes para me matricular no curso de Letras, porém não me

² Corresponde ao 9º Ano do Ensino Fundamental. A alteração foi amparada pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 a qual passa a admitir a matrícula no Ensino Fundamental de nove anos, a iniciar-se aos seis anos de idade.

identifiquei. Desisti e novamente fiz o Enem, pela terceira vez, obtendo nota suficiente para cursar Pedagogia, onde continuo até hoje.

Não tem sido uma jornada fácil, mas tenho a consciência que tudo na vida tem que ter força de vontade e persistência. Tenho que dividir meu tempo entre estudo, casa, filho e trabalho.

Chego cansada do trabalho e às vezes vou a pé para a universidade, pois nem sempre encontro transporte.

Estudar para mim sempre foi bastante desafiador. Mas, fica a certeza que estou no caminho certo e que meu esforço não está sendo em vão. A educação transforma as pessoas, a educação me transformou e me levou para lugares inimagináveis.

Como diria Aristóteles: "A educação tem raízes amargas, mas os seus frutos são doces!"

E assim continuo caminhando em busca de novos sabores dos frutos da educação. Um caminho desafiador, com trilhas estreitas, cheias de curvas, declínios, mas com a persistência de uma mulher forte que lutou e continua lutando em busca do que acredita: a educação. É justamente esse percurso marcado por uma história de luta que me impulsionou a mergulhar nas narrativas de permanência dos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Em meio a questionamentos profundos, surge a indagação que guia minha investigação: Quais são os desafios enfrentados por esses estudantes para assegurarem o direito à permanência na escola?

Essa busca vai além de uma mera pesquisa acadêmica; é um mergulho nos relatos de vidas marcadas por superações, resistências e a busca incansável por um direito fundamental. Os desafios, muitas vezes, se assemelham a trilhas árduas, mas cada história é um testemunho da resiliência desses estudantes que, como eu, acreditam na transformação pela educação.

Ao compreender as adversidades enfrentadas por esses indivíduos, pretendo não apenas apresentar dados e estatísticas, mas dar voz às experiências singulares de cada um. A pesquisa não é apenas um exercício acadêmico; é uma ponte para o entendimento mais profundo das lutas diárias desses estudantes, que buscam, assim como eu busquei, um lugar digno e igualitário na sociedade por meio do acesso à educação.

Assim, a investigação se torna uma jornada de empatia, onde cada desafio enfrentado pelos estudantes ecoa as minhas próprias batalhas. É um mergulho no humano, na busca por compreender as nuances da perseverança e na crença de que, ao compartilhar essas histórias, contribuo para a construção de um olhar mais sensível sobre a Educação de Jovens, Adultos e Idosos. O caminho pode ser árduo, mas a esperança reside na possibilidade de transformação que a educação proporciona, iluminando, assim, os corações daqueles que ousam sonhar.

2. NOTAS INTRODUTÓRIAS

As discussões que envolvem a Educação de Jovens Adultos e Idosos (EJAI) no contexto atual são de suma importância, uma vez que faz-se necessário conhecer e elucidar as questões que permeiam o processo histórico, social e cultural de uma sociedade que, por tanto tempo, impossibilitou que a classe proletária tivessem o seu direito a educação, conforme as etapas de escolarização. Nesse sentido é que nos debruçamos para compreender os aspectos históricos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de modo a evidenciar os desafios e as possibilidades alcançadas nos últimos anos, principalmente no que tange a permanência desse público na EJAI³. Dessa forma, é pertinente destacar que a EJAI é uma etapa da escolarização crucial na vida de muitos jovens, adultos e idosos para alcançarem os seus direitos, de modo que possam viver uma vida social digna, mas ainda há muito que fazer, para que possamos pensar em uma educação de qualidade para esse público, conforme as suas necessidades.

A Educação de Jovens Adultos e Idosos é uma modalidade de ensino que atende estudantes que tiveram os seus direitos ao ensino negado no período dito “adequado” a cada etapa da escolarização. Além disso, podemos dizer que a EJAI agrega um público com diferentes peculiaridades, tempo de aprendizagem única, modos de vida singulares, história de vida permeada por negações e que necessitam de um educador (a) que tenha um olhar sensível para esse público, de modo que possa mostrar para esses sujeitos que eles são capazes de aprender e desenvolver-se, cada um em seu tempo e ritmo que é único e peculiar, mas para isso, é preciso conhecer quem são esses sujeitos que buscam na EJAI novas oportunidades de vida, a sua trajetória de vida social, cultural e educacional (ARROYO, 2007).

Os estudantes da EJAI trazem consigo experiência de vida única, marcada, muitas vezes, pelo preconceito, estigma, isolamento, frustrações, mas também os sonhos e as superações que acabam influenciando no modo de vida dessas pessoas. Assim sendo, o público da EJAI busca nesse espaço alcançar os conhecimentos historicamente produzidos e acumulados pela sociedade, assim, como outros buscam a alfabetização, para conseguir realizar no dia a dia, ações que se tornam impossíveis quando não se sabe ler e escrever. Logo, “alfabetizar-se implica superar muitas dificuldades, romper barreiras, interiores e exteriores, e desmitificar o mundo letrado” (BRUNO, 2010, p. 8), questões básicas e importantes para os jovens, adultos e idosos que matriculam-se na EJAI, com isso, “através da identificação e da análise das

³ Termo adotado neste estudo por entender que os idosos, assim como os jovens e os adultos, também devem estar ocupando estes espaços educativos por toda trajetória de negação ao direito constitucional de ler e escrever. Por opção política, em todo o estudo será utilizado o termo Educação de Jovens, Adultos e Idosos ou EJAI.

experiências sociais, culturais e pessoais de adultos em processo de alfabetização é possível descortinar quais as mais relevantes mudanças na vida quotidiana e perceber o que fazem estes adultos com a leitura e a escrita da palavra” (BRUNO, 2010, p. 8) e o professor como mediador dos conhecimentos cumpre um papel fundamental nesse processo de ensino e aprendizagem na EJA.

Pensar na educação para os jovens, adultos e idosos é desprender-se do ensino considerado regular para crianças e adolescentes, pois esses sujeitos trazem consigo experiências e vivências produzidas em seu dia a dia nas relações sociais. Então, como afirma Oliveira (2007) o currículo e as propostas pedagógicas precisam atender as necessidades desses educandos e não impondendo para esse público um modelo de escolarização, pensado para as crianças da sala de aula do sistema dito “regular” de ensino, podendo acarretar em prejuízos e desistência da escolarização. É nesse sentido que “as necessidades e possibilidades daqueles educandos exigem o desenvolvimento de propostas adequadas a eles” (OLIVEIRA, 2007, p. 85), o que tornará o ensino mais produtivo e significativo para todos os envolvidos.

Nesse mesmo sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) garante que: “os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais” (BRASIL, 2018, p. 15), e na modalidade da EJA não pode ser diferente, uma vez que, ao utilizar as metodologias e os conteúdos direcionados para o ensino regular, pode-se conseqüentemente, infantilizar o desenvolvimento das aprendizagens desses estudantes. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) no artigo 4, inciso VII, provê a: “oferta de educação regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996), ou seja, é crucial garantir condições acessíveis e flexíveis, especialmente para aqueles que desempenham papéis de trabalhadores. Proporcionar um ambiente educacional que respeite as disponibilidades desses alunos, tanto em termos de tempo quanto de logística, é fundamental para assegurar não apenas o acesso inicial à escola, mas também a sua permanência ao longo do processo educativo. Essa abordagem humanizada reconhece a singularidade de cada estudante, valorizando suas vivências e viabilizando um percurso educacional que respeite suas demandas individuais.

Nessa perspectiva, considerando as questões expostas anteriormente, a presente monografia organiza-se a partir do seguinte problema de pesquisa: Quais os desafios enfrentados pelos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos para garantirem o direito

à permanência na escola? Para tanto, delimitou-se como objetivo geral: Compreender os principais desafios enfrentados pelos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos para a garantia da permanência na escola. E como objetivos específicos: 1) Compreender a construção histórica da Educação de Jovens, Adultos e Idosos ao longo dos tempos; 2) Refletir sobre as percepções dos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos e as dificuldades enfrentadas para a conquista da escolarização; 3) Identificar as expectativas dos estudantes com a escolarização na modalidade da EJA.

A escolha deste tema foi impulsionada por uma experiência marcante durante o estágio do componente curricular "Prática Reflexiva em Educação de Jovens e Adultos" em uma escola no município de Amargosa/Ba, onde pude vivenciar de perto a realidade dos estudantes da EJA. Essa vivência deixou uma marca profunda em minha formação como graduanda em Pedagogia no Centro de Formação de Professores (CPF) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Sob uma perspectiva social, este trabalho visa destacar que muitos indivíduos, ao buscarem alcançar seus objetivos, descobrem que a determinação é crucial, e que não existe uma "idade certa" para reivindicar um direito que lhes foi negado. A humanização desse processo se faz presente ao reconhecermos as trajetórias individuais, desafios e superações dos estudantes da EJA, tornando a pesquisa não apenas acadêmica, mas uma narrativa de respeito e valorização das histórias de vida desses sujeitos.

Sob a ótica acadêmica, esta pesquisa, aliada a outros trabalhos, desencadeará reflexões profundas sobre a necessidade premente de (re)pensar uma educação pautada pela equidade e qualidade, especialmente para os integrantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos no cenário social contemporâneo. Urge a importância de assegurar a esse público uma educação que não apenas proporcione conhecimento, mas que seja um vetor de transformação social e igualdade. Essa busca pela equidade educacional visa proporcionar a esses indivíduos as ferramentas necessárias para exercerem plenamente sua cidadania, capacitando-os para realizar atividades cotidianas que, sem o domínio da leitura e escrita, tornam-se obstáculos intransponíveis para o pleno exercício de seus direitos enquanto cidadãos. Dessa forma, a pesquisa transcende os limites acadêmicos e se torna um apelo à ação, visando construir um futuro educacional mais inclusivo e justo para todos.

No intricado caminho desta pesquisa, buscamos a sabedoria e o entendimento de estudiosos dedicados, cujas obras transcendem páginas e se entrelaçam com o pulsar da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Diante desse desafio, nos apoiamos em autores cujas ideias ressoam como guias, iluminando nossos passos na compreensão aprofundada do tema proposto. Dentre esses luminares acadêmicos, destaco Arroyo (2007), cujas reflexões robustas

desvendam as nuances da educação, tornando-a um campo vasto e plural. Galvão e Soares (2006), com sua colaboração, acrescentaram capítulos cruciais à nossa busca pelo conhecimento. Suas análises perspicazes e comprometimento com a construção de uma educação mais justa forneceram alicerces sólidos para as reflexões presentes nesta monografia. Cada linha de suas obras representa um convite à reflexão crítica e à ação transformadora. Haddad e Di Pierro (2000) proporcionam um panorama enriquecedor sobre o terreno da educação. Strelhow (2010), com sua expertise, trouxe reflexões enriquecedoras sobre a formação continuada de professores, lançando luz sobre a importância da constante busca pelo aprimoramento. Veiga (2007), por sua vez, desdobrou-se em análises que permeiam os aspectos mais amplos da gestão escolar. Suas ideias, como pilares firmes, sustentaram nossa compreensão sobre a importância de uma gestão qualificada para a promoção da inclusão no espaço escolar.

Esses autores, entre outros não menos relevantes, não foram apenas fontes de informação, mas verdadeiros companheiros de jornada. Suas obras não são apenas referências bibliográficas; são faróis que nos guiaram nas águas complexas do conhecimento educacional. Cada página lida foi um diálogo estabelecido, uma troca de saberes que enriqueceu e moldou a trajetória desta monografia.

Em meio às nuances do processo metodológico, decidimos trilhar o caminho da pesquisa qualitativa, uma escolha que reflete a nossa busca por uma compreensão profunda e significativa do fenômeno que nos inquieta. Essa opção não é apenas uma metodologia; é uma maneira de mergulhar nas histórias, nas vozes e nas experiências que dão vida ao nosso objeto de estudo. No coração desse método está a pesquisa de campo, um mergulho na realidade da Escola Sandoval Santa Cruz, que fica localizada no Município de Elisio Medrado Ba. Aqui, as salas de aula se transformam em palcos de histórias em construção, e os corredores sussurram segredos sobre o empenho e as aspirações dos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

O instrumento escolhido para dar vida aos dados foi o questionário aberto, uma ferramenta que vai além das respostas objetivas. Cada pergunta torna-se um convite para compartilhar sonhos, desafios e conquistas. Os dados não são apenas números; são fragmentos de jornadas, memórias e perspectivas que se entrelaçam no tecido dessa pesquisa.

Ao decidirmos dar um passo atrás e realizar uma revisão bibliográfica abrangente, reconhecemos a importância de nos conectarmos com as vozes daqueles que já trilharam caminhos semelhantes. As palavras de diversos autores tornaram-se faróis que iluminaram nosso percurso, oferecendo insights valiosos sobre as nuances da Educação de Jovens, Adultos

e Idosos. Essa revisão bibliográfica não foi apenas um mergulho em teorias; foi um diálogo com ideias que, muitas vezes, transcenderam as páginas dos livros. Autores diversos se tornaram nossos mentores, orientando-nos na compreensão das complexidades que envolvem o desenvolvimento de habilidades fundamentais para um recomeço de vida.

Assim, cada escolha metodológica não é apenas uma técnica; é um compromisso de humanizar a pesquisa. É reconhecer que, por trás de cada número, há um rosto, uma narrativa e uma jornada singular. Este trabalho é, portanto, não apenas um estudo acadêmico, mas uma busca por compreensão e empatia no vasto campo da Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

Diante desse propósito, com o intuito de concretizar os objetivos previamente mencionados, esta pesquisa está organizada em cinco seções, sendo a inicial delas a presente introdução. Na segunda seção, intitulada "A Educação de Jovens e Adultos no Brasil e os Desafios para a Garantia do Direito à Permanência", mergulhamos na rica tapeçaria da história da educação de jovens e adultos no Brasil, remontando aos períodos dos jesuítas, desvendando as tramas intrincadas que moldaram esse cenário educacional ao longo dos anos. Ao fazê-lo, lançamos luz sobre os protagonistas dessa narrativa, os sujeitos da EJAI, destacando não apenas suas características distintas, mas também os desafios que enfrentam para assegurar seu direito à permanência nesse universo educacional tão significativo.

Na calorosa e envolvente terceira seção, que chamamos de "Trilha Metodológica da Pesquisa", delineamos os passos que moldaram nossa jornada de descobertas. Exploramos as nuances e a riqueza das pesquisas qualitativas, optando por um mergulho profundo nas experiências e narrativas que compõem a Educação de Jovens e Adultos. Como artesãos do conhecimento, buscamos na pesquisa bibliográfica a matéria-prima que fortaleceu nossas reflexões, confiando na sabedoria acumulada ao longo dos anos. Os instrumentos escolhidos para desvendar esse território acadêmico são como faróis orientadores: o questionário, uma ferramenta delicada e poderosa que abre janelas para as histórias e visões dos sujeitos pesquisados. Ao explorar o campo da pesquisa e os sujeitos envolvidos, destacamos a sensibilidade e a importância de cada voz na Educação de Jovens e Adultos.

Finalmente, traçamos cuidadosamente como os dados, produzidos como sementes férteis durante a pesquisa de campo, foram cultivados e analisados. Este é um momento íntimo, onde cada resposta, cada experiência compartilhada pelos participantes, será considerada com o respeito e a atenção que merece, contribuindo para a construção de um mosaico significativo e revelador sobre a realidade da EJAI.

Na emocionante quarta parte, intitulada "Narrativas dos Estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Suas Lutas para a Garantia do Direito à Escolarização", abrimos as

páginas dos diários de vida desses protagonistas da EJAI. Aqui, não são apenas respostas em um questionário; são relatos entrelaçados de sonhos, desafios e triunfos, carregados de emoções que ecoam através das palavras. Cada estudante, corajosamente, compartilhou sua história única, desvendando os motivos que os levaram a interromper o percurso escolar na época que a sociedade considera "certa". Suas palavras são como pinceladas vívidas em uma tela, revelando os contornos das lutas travadas, dos obstáculos enfrentados, mas também das esperanças renovadas ao ingressar na EJAI. Aqui, os estudantes não são apenas sujeitos de pesquisa; são narradores das suas próprias vidas. Suas vozes, ricas em nuances, dão vida a um retrato autêntico da experiência na Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Cada palavra, impregnada de sentimentos, contribui para a compreensão profunda das complexidades que envolvem a busca pelo direito à escolarização.

Na comovente quinta seção, intitulada "Notas Conclusivas", mergulhamos profundamente nas descobertas e nos ricos aprendizados acumulados ao longo da jornada de pesquisa sobre a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). Não se trata apenas de um fechamento formal, mas sim de um delicado recorte, uma seleção criteriosa de cada detalhe, de cada nuance, de cada nova experiência vivida ao trilhar os caminhos da investigação. Cada novo conhecimento adquirido foi como uma pérola preciosa, cuidadosamente lapidada e integrada ao colar de entendimento sobre a EJAI. As experiências compartilhadas pelos estudantes, suas lutas, sonhos e resistências, tornaram-se pontos de luz que iluminaram não apenas o objeto de estudo, mas também os corações dos pesquisadores. Assim, as Notas Conclusivas não é apenas o ponto final; é uma celebração. É o momento de contemplar o mosaico formado por cada descoberta, enxergar a beleza nas nuances e reconhecer o valor intrínseco de cada relato. Neste capítulo final, as palavras não apenas encerram, mas também reverenciam as narrativas vivas que deram alma a esta pesquisa, transformando-a em uma jornada enriquecedora e profundamente humana.

À medida que expressamos nossa gratidão por essas contribuições, reconhecemos que este trabalho é, em essência, uma teia de conhecimento entrelaçada pelas palavras desses estudiosos. Cada linha é um tributo à dedicação incansável daqueles que, por meio de suas pesquisas, dedicam-se a compreender e transformar a educação, fazendo com que nossas vozes individuais se somem ao coro mais amplo do progresso educacional.

É nesse sentido, que trago o motivo pelo qual escolhi a música "Oração ao Tempo" de Caetano Veloso. Nas notas suaves desta música, desvela-se não apenas uma melodia, mas uma reflexão profunda sobre o tecido do tempo que permeia nossas vidas. Essa composição, como uma sábia mentora, nos convida a considerar o tempo como um aliado na educação de Jovens,

Adultos e Idosos (EJAI), onde cada acorde ressoa como uma lição valiosa. "Tempo, tempo, tempo, tempo..." — essas palavras, como um sussurro constante, ressoam nas salas de aula destinadas à EJAI. O tempo, inescapável e inexorável, é o "Compositor de destinos", moldando as jornadas educacionais individuais. Cada ciclo do relógio representa uma oportunidade de aprendizado, uma página em branco esperando para ser preenchida pelos traços da sabedoria.

O tempo, qual "Tambor de todos os ritmos", ecoa nos corredores onde as histórias educacionais se desdobram. Na EJAI, cada aluno traz consigo um ritmo único, uma cadência peculiar de experiências, desafios e conquistas. O educador, como maestro, ajusta-se a esse tambor, reconhecendo a diversidade de ritmos que compõem a sinfonia da aprendizagem.

"Entro num acordo contigo, tempo..." — aqui, na EJAI, educadores e alunos encontram-se em um diálogo constante com o tempo. A educação, um processo que se estende ao longo da vida, é um acordo tácito com o tempo, uma aceitação da jornada de descobertas que se desenrola. Cada lição aprendida, cada desafio superado, é um passo nessa dança constante.

"Pareceres contínuo, tempo..." — na EJAI, o tempo é percebido como um fluxo contínuo, um aliado na construção de conhecimento ao longo dos anos. A aprendizagem não é uma corrida contra o relógio, mas uma jornada que se desdobra, repleta de oportunidades para explorar novas áreas, desenvolver habilidades e cultivar uma compreensão mais profunda do mundo.

"Por seres tão inventivo..." — o tempo, na EJAI, revela-se como um mentor inventivo. Ele oferece oportunidades para a reinvenção pessoal, para a descoberta de novas paixões e para o desenvolvimento de habilidades latentes. Na sala de aula da EJAI, cada estudante é desafiado a abraçar a inventividade do tempo, transformando desafios em oportunidades de crescimento.

"Pareceres contínuo, tempo..." — a continuidade do tempo na educação de Jovens, Adultos e Idosos é uma bênção e um compromisso. Cada dia é uma chance renovada de aprender, de inspirar e de ser inspirado. A EJAI é um terreno fértil onde o tempo, com sua persistência, permite que as sementes do conhecimento floresçam, independentemente da idade.

Assim, na harmonia dessa oração musical, a Educação de Jovens, Adultos e Idosos encontra uma trilha sonora única. O tempo, como compositor, maestro e aliado, guia a dança educacional, transformando cada momento em uma oportunidade de crescimento, de descoberta e de construção de destinos educacionais significativos.

3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E OS DESAFIOS PARA A GARANTIA DO DIREITO A PERMANÊNCIA

Nas páginas intrincadas da história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, encontramos narrativas que vão além dos registros frios e se entrelaçam com as vidas daqueles que, por muito tempo, viram seus direitos educacionais negados. Este capítulo é uma jornada através das palavras de autores que dedicaram seus esforços a desvendar os matizes desse processo educacional destinado à classe popular, marcado por aspectos históricos, sociais e culturais.

É como se, ao abriremos essas páginas, pudéssemos ouvir as vozes daqueles que enfrentaram as barreiras de uma "idade certa" para aprender. Autores sensíveis, como cronistas do tempo, nos conduzem pelos caminhos íngremes e muitas vezes negligenciados da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). Cada palavra é uma porta aberta para compreender não apenas as políticas educacionais, mas as histórias humanas que foram moldadas e transformadas nesse cenário desafiador.

Neste tecido de reflexões, emergem os protagonistas do presente, os estudantes que, com esperança no olhar, buscam na EJAI uma nova perspectiva de vida. São indivíduos que, por diversos motivos, viram-se à margem do sistema educacional convencional. Mas aqui, na EJAI, encontram uma segunda chance, uma oportunidade de reconstruir não apenas seu futuro profissional, mas sua identidade pessoal e social.

Quem são esses estudantes que preenchem as salas da EJAI? São homens e mulheres, muitas vezes trabalhadores incansáveis que enfrentam jornadas duplas, entre o labor diário e o desejo de aprender. São sonhadores que, independentemente da idade, carregam consigo o anseio de decifrar as letras e as palavras que por tanto tempo lhes foram negadas.

Assim, destacamos o cerne da questão: quais processos educativos podem nutrir o solo fértil da EJAI, fazendo com que os estudantes se sintam não apenas acolhidos, mas inspirados a continuar nesse processo de ensino e aprendizagem? A resposta reside na criação de ambientes educacionais empáticos, onde a leitura e a escrita não são apenas habilidades técnicas, mas ferramentas para a "leitura de mundo".

É necessário ir além do ensino convencional, é preciso cultivar uma educação que dialogue com as realidades complexas e multifacetadas dos estudantes da EJAI. Cada aula, cada interação, torna-se uma oportunidade para despertar não apenas o intelecto, mas o desejo ardente de aprender, de crescer, de se reinventar.

Este capítulo, mais do que uma análise acadêmica, é um convite à empatia, à compreensão profunda e ao reconhecimento das histórias que se desdobram nas salas de aula da EJA. É um chamado para que educadores e estudantes, juntos, se tornem artífices de um novo capítulo educacional, onde as letras e as palavras se entrelaçam com os sonhos e as conquistas daqueles que ousam trilhar os caminhos da aprendizagem tardia.

3.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL AO LONGO DOS TEMPOS: AVANÇO OU RETROCESSO?

Para iniciar, retomamos aos seguintes questionamentos de Strelhow (2010, p. 50): “Mas porque existem tantas pessoas que foram excluídas do processo de alfabetização? O que gerou a posição social que tais pessoas ocupam? Quais foram as tentativas para garantir esse direito?” Bem, para que possamos compreender tais questionamentos e tantos outros que surgem no dia a dia, ou até mesmo, ao longo dos anos, faz-se necessário conhecer o processo histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Mas, de acordo com Strelhow (2010, p. 50): “podemos adiantar que no decorrer do história, a educação do Brasil, em geral, foi tratada de forma inconseqüente pelas autoridades políticas”, o que demarca alguns fatores negativos que podemos perceber quando retomamos a história da educação no Brasil.

Ao mergulharmos nos anais da história educacional do Brasil, somos confrontados com uma triste constatação: a educação, ao longo dos tempos, foi tratada de forma inconsequente pelas autoridades políticas. Essa negligência não é apenas uma mancha no passado, mas uma sombra que se estende até os dias atuais, deixando marcas profundas em nossa sociedade.

É como se a trama da educação brasileira fosse tecida com fios desiguais, marcada por uma sequência de equívocos. A falta de investimento adequado, a ausência de políticas educacionais consistentes e a descontinuidade nos projetos de longo prazo são apenas alguns dos elementos que contribuíram para a construção dessa narrativa lamentável.

Essa negligência histórica reverbera nas estatísticas educacionais atuais, onde índices de analfabetismo e defasagem escolar ainda persistem. As lacunas deixadas pela falta de investimento continuam a afetar gerações, como cicatrizes silenciosas que testemunham a indiferença das autoridades políticas em relação à educação.

Conforme Almeida e Corso (2015) o processo histórico da EJA no Brasil estava vinculada a programas que tinha como finalidade erradicar o analfabetismo, além disso, buscava-se a profissionalização de jovens e adultos, mesmo não sendo um dos objetivos

principais. Outro aspecto pertinente era possibilitar o direito ao voto, com isso, os jovens e os adultos eram estimulados a ler e a escrever, mas, é pertinente frisar que:

No passado como no presente a educação de jovens e adultos sempre compreendeu um conjunto muito diverso de processos e práticas formais e informais relacionadas à aquisição ou ampliação de conhecimentos básicos, de competências técnicas e profissionais ou de habilidades socioculturais (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 108).

No intrincado tecido do tempo, a educação de jovens e adultos emerge como um fio condutor, entrelaçando passado e presente. É uma narrativa viva, que transcende os limites das salas de aula formais, abraçando uma diversidade de processos e práticas que ecoam na aquisição e expansão do saber, competências técnicas e profissionais, assim como habilidades socioculturais.

Haddad e Di Pierro (2000) nos convidam a contemplar essa riqueza de experiências educacionais que abraçam o básico, o técnico e o sociocultural. A sala de aula é apenas um capítulo dessa história multifacetada, onde a aquisição de conhecimentos básicos serve como alicerce, as competências técnicas como ferramentas e as habilidades socioculturais como pontes entre os mundos.

A jornada educacional de jovens e adultos é marcada por uma diversidade que reflete a própria tapeçaria da vida. Em cada rosto ansioso por aprender, encontramos uma história única, uma narrativa de resiliência e determinação. São pessoas que enfrentam jornadas diárias, mas que veem na educação uma bússola para horizontes mais amplos.

Ao contemplarmos esse universo, somos lembrados de que a educação de jovens e adultos é uma narrativa em constante evolução, uma história que se escreve a cada aula, a cada nova habilidade adquirida e a cada passo corajoso em direção ao desconhecido. É, acima de tudo, uma celebração da resiliência e da busca infindável pelo conhecimento, onde cada página revela as nuances da trajetória humana.

Nesse sentido, podemos dizer que os processos educacionais para os jovens e adultos ao longo dos anos, remonta aspectos relacionados à aprendizagem da leitura e escrita, suficientes para o mercado de trabalho e não para a apropriação da cultura letrada. Dessa forma, retomamos ao passado para melhor compreender as ações educativas para os jovens e adultos que compõem a maior parte da classe popular brasileira.

Quando nos debruçamos para conhecer a história da educação no Brasil, principalmente para os sujeitos da EJA, fica evidente a relação de domínio e poder, entre os dominadores e os dominados, cada um ocupando o espaço que lhes fora estabelecido. Tudo isso, iniciou no Brasil Colônia, com a chegada dos Jesuítas, que tinham como objetivo catequizar os indígenas,

impondo a cultura europeia, menosprezando o modo de vida dos indígenas que habitavam as terras brasileiras, para isso, “os religiosos exerciam sua ação educativa em grande parte com os adultos, e tiveram papel fundamental na formação da estrutura social, administrativa e produtiva da sociedade que estava sendo formada” (VEIGA, 2017, p. 15).

Porém, os Jesuítas tiveram que deixar o Brasil em meados do século XVIII, influenciando aos poucos com os processos educacionais introduzidos por estes aos índios, negros e escravos, dessa forma, Strelhow (2010, p. 51) relata que:

Com a saída dos Jesuítas do Brasil em 1759, a educação de adultos entra em colapso e fica sob responsabilidade do Império a organização e emprego da educação. A identidade da educação brasileira foi sendo marcada então, pelo elitismo que restringia a educação às classes mais abastadas. As aulas régias (latim, grego, filosofia e retórica), ênfase da política pombalina, eram designadas especificamente aos filhos dos colonizadores portugueses (brancos e masculinos), excluindo-se assim as populações negras e indígenas (STRELHOW, 2010, p. 51).

Com base na afirmação acima, podemos dizer que recontar essa história não é apenas um exercício de recordação, mas um convite à compreensão e à empatia. É uma chamada para reconstruir as tramas da educação brasileira com uma abordagem inclusiva, reconhecendo as vozes silenciadas e buscando um futuro onde o conhecimento seja um direito universal, não um privilégio restrito por linhas raciais e de gênero.

A afirmação do autor, nos revela o quanto a relação entre dominadores e dominados era fortemente exercida nesse período, o qual os filhos da elite branca tinham o direito as aulas régias⁴, enquanto que a população negra (pessoas escravizadas) e os indígenas ficavam excluídos desse processo e, conseqüentemente, aumentando o número de pessoas não alfabetizadas no país. Dessa forma, no intrincado pano de fundo da história brasileira, o ano de 1759 conforme afirma Stralhow (2010), emerge como um marco, testemunhando não apenas a saída dos Jesuítas do Brasil, mas também um ponto de virada na trajetória da educação. Com sua partida, o destino da educação de adultos tomou um rumo incerto, lançando-a nas mãos do Império, que assumiu a árdua tarefa de organizar e direcionar os rumos do ensino no país.

Após esse período, surge o império-republica, que nas palavras de Paiva (1973 apud SILVA, 2017, p. 15),

No período de transição do Império-República (1887-1897), a educação foi considerada como causa ou solução dos problemas da nação, houve a expansão da rede escolar e as “ligas contra o analfabetismo” surgindo em 1910

⁴ As aulas régias eram uma modalidade de ensino destinada principalmente aos filhos dos colonizadores portugueses. Essas aulas eram uma extensão do sistema educacional implementado pelos jesuítas, que exerciam um controle substancial sobre as práticas pedagógicas no Brasil durante grande parte do período colonial, até sua expulsão em 1759.

que buscava de imediato a erradicação do analfabetismo, almejando o voto do analfabeto, o caráter qualitativo e a otimização do ensino tiveram como palco as melhorias das condições didáticas e pedagógicas da rede escolar, quando foram iniciadas mobilizações em torno da educação como dever do Estado, sendo este um período de intensos debates políticos. (PAIVA, 1973 apud SILVA, 2017, p. 15).

Conforme a citação acima, compreendemos que no palco tumultuado da transição do Império para a República, entre os anos de 1887 e 1897, a educação emergiu como protagonista, encarada ora como causa, ora como solução dos intrincados problemas nacionais. Este foi um período de intensas oscilações, onde a esperança de uma nação mais instruída se entrelaçava com as complexidades políticas da mudança de regimes.

Em meio a esse cenário, testemunhamos a expansão da rede escolar, um gesto audacioso que visava não apenas a disseminação do conhecimento, mas também a promoção de uma sociedade mais esclarecida. Foi neste contexto que, em 1910, surgiram as "ligas contra o analfabetismo", uma resposta vigorosa à chaga do não saber que persistia na sociedade brasileira. Essas ligas não eram apenas entidades; eram braços estendidos, oferecendo a luz do aprendizado para aqueles que, por muito tempo, foram relegados às sombras do analfabetismo.

A missão era clara: erradicar o analfabetismo, não apenas como um gesto simbólico, mas como um meio de conceder voz e voto aos que, até então, eram silenciados pela não apropriação de leitura e da escrita. Esta não era apenas uma cruzada quantitativa; era um esforço qualitativo para otimizar o ensino e melhorar as condições didáticas e pedagógicas nas escolas.

Ao refletirmos sobre esse capítulo da história, não podemos simplesmente ver datas e eventos, mas sim rostos e corações movidos pela esperança de um amanhã mais luminoso. Cada criança que teve a oportunidade de frequentar uma escola recém-criada, cada adulto que aprendeu a ler e escrever graças às ligas contra o analfabetismo, são personagens nesta narrativa de transição e esperança.

Ainda no período republicano, tivemos um marco de suma importância para o Brasil. Este grande marco, foi a promulgação da Constituição de 1891, o qual permitiu que a população pudesse escolher os representantes legais das esferas municipais, estaduais e federais, através do voto direto, mas “estamos tratando de um governo ditatorial e centralizador, no entanto, oferecer uma base educacional é bastante relevante do ponto de vista político, pois, Vargas queria perdurar seu poder”, essa questão trazida por Santos e Andrade (2017, p. 368), nos faz pensar o quanto a relação entre educação e política se faz presente até nos dias atuais, fato que vem se perpetuando ao longo dos anos, e além disso, “não havia uma preocupação com a formação crítica. A educação de jovens e adultos nada mais era, que uma forma de aprender a

assinar o próprio nome para a obtenção do título de eleitor {...} (SANTOS; ANDRADE 2017, 368).

Conforme a afirmação de Santos e Andrade (2017), no compasso da história, encontramos um capítulo marcado pela superficialidade, onde a educação de jovens e adultos ressoava com uma melodia simplificada, uma canção desprovida de profundidade e crítica. Nesse período, o aprendizado se reduzia a um ato mecânico, uma mera formalidade para a obtenção do título de eleitor.

A triste sinfonia daquela época ecoava na ausência de uma preocupação verdadeira com a formação crítica. Não havia espaço para a exploração profunda do conhecimento, para a análise reflexiva ou para o cultivo de pensamentos que transcendessem a mera assinatura do próprio nome. A educação, vista por muitos como uma promessa de iluminação intelectual, encontrava-se, na realidade, limitada a um ato burocrático.

O aprendizado, que deveria ser uma experiência enriquecedora, estava restrito a um ato cerimonial, uma formalidade necessária para exercer o direito ao voto. As salas de aula, ao invés de serem palcos de descobertas, transformaram-se em meros cartórios de assinaturas, negligenciando a verdadeira essência da educação.

Ao refletirmos sobre esse período, não podemos deixar de sentir um pesar pelas oportunidades perdidas, pela educação que poderia ter sido, mas que foi limitada por horizontes estreitos. Cada indivíduo que participou dessa sinfonia restrita da educação de jovens e adultos carrega consigo uma história de aprendizado superficial, uma narrativa marcada pelo vazio de uma formação que não foi além da assinatura obrigatória.

Toda essa conduta em relação a educação de jovens e adultos nesse período, não deixa de ser um grande começo para o avanço da alfabetização da população não escolarizada, porém, não se pode pensar apenas na alfabetização desses sujeitos como uma forma de aprender a escrever o próprio nome para participar do voto direto, ou como uma forma de conseguir mão de obra barata com o surgimento da industrialização no país no século XX. Nesse sentido, Silva (2017, p. 15) nos revela que:

Foi a partir da década de 40 do século XX que aconteceram grandes mudanças e iniciativas que possibilitaram avanços na educação do país e conseqüentemente na educação de adultos. A criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) vem colaborar com o objetivo da sociedade capitalista e dos grupos econômicos dominantes, que entendiam que sem educação profissional não haveria desenvolvimento industrial para o país, vinculando a educação de adultos à educação profissional (SILVA, 2017, p. 15).

Conforme a citação acima, na cadência da história brasileira, a década de 40 surge como um compasso marcante, onde os acordes da educação começaram a se transformar, delineando uma partitura de mudanças significativas. Foi nesse cenário que iniciativas ousadas floresceram, lançando sementes de progresso na educação do país e, por conseguinte, na educação de adultos.

O palco desta evolução viu a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), uma melodia educacional que ressoou para além das salas de aula, marcando uma colaboração fundamental com os objetivos da sociedade capitalista e dos grupos econômicos dominantes. A percepção aguçada da época entendia que, sem educação profissional, o desenvolvimento industrial do país seria um eco distante.

A sociedade, ansiosa por progresso e impulsionada por uma visão de futuro, encontrou na educação profissional uma aliada. Os compassos dessa nova composição educacional ecoaram nos corações daqueles que viam na formação técnica não apenas uma ferramenta de empoderamento individual, mas também um meio vital para a construção de um país industrializado.

Com tudo isso, foi justamente a partir dos anos de 1940 com o início da industrialização no país, é que houve a necessidade de repensar os processos educacionais para as classes populares, com o intuito de gerar empregos, com mão de obra barata para suprir as demandas nos maquinários. Percebemos então, a diferença entre a educação para a classe popular em relação a educação para a burguesia. Foi nesse período que houve uma reorganização no mercado de trabalho, de modo que o ensino para a classe popular teria como objetivo a capacitação profissional. Foi somente na década de 1945 que a Educação de Jovens e Adultos ganhou novo rumo no país, a partir da instituição da Lei nº 19.513. Em seguida, outros programas foram criados, de modo a oferecer a classe popular novas oportunidades educacionais. Como destaca Beserra e Barreto (2014, p. 167), tais programas, foram:

Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA (1947); o Movimento de Educação de Base – MEB, sistema radio educativo criado na Conferência Nacional dos Bispos com o apoio do Governo Federal (1961); além dos Centros Populares de Cultura – CPC (1963), Movimento de Cultura Popular – MCP e a Campanha Pé no Chão Também se Aprende a Ler – CPCTAL (BESERRA; BARRETO, 2014, p. 167).

De acordo com Beserra e Barreto (2014) na cadência do tempo, em 1947, uma sinfonia educacional ressoou, marcando um capítulo notável na história da educação brasileira: a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, carinhosamente conhecida como CEAA. Essa iniciativa não foi apenas uma estratégia educacional; foi uma melodia compassiva, afinada

com o desejo de proporcionar aprendizado a todos, independentemente da idade. A CEAA foi mais do que um projeto; foi um convite à inclusão e ao respeito à jornada educacional de adolescentes e adultos que, por diferentes razões, não haviam trilhado os corredores da educação formal em seus anos mais jovens. Essa campanha lançou suas notas no cenário educacional, desafiando as limitações temporais e celebrando a aprendizagem como uma jornada atemporal.

Ao recordarmos a CEAA, deixamo-nos envolver pela suavidade dessa melodia educacional. Que possamos carregar consigo o espírito caloroso dessa campanha, lembrando que a educação é uma jornada eterna, uma canção que continua a ser cantada por aqueles que buscam o conhecimento, independentemente da estação da vida em que se encontrem.

Ainda conforme Beserra e Barreto (2014) nos anos efervescentes da década de 1960, um movimento educacional ecoou pelo Brasil, criando uma sinfonia de mudanças e esperanças. Esse movimento, entrelaçando vozes da Conferência Nacional dos Bispos com o apoio do Governo Federal, deu origem ao que conhecemos como o Movimento de Educação de Base (MEB). Este não foi apenas um capítulo na história educacional; foi uma melodia que ressoou nos corações daqueles que ansiavam por uma transformação profunda.

O MEB, como uma peça central dessa narrativa, foi mais do que um sistema educativo; foi uma expressão de solidariedade e inclusão. Cada acorde dessa sinfonia representava o compromisso de levar a educação às comunidades mais distantes, às margens da sociedade. Professores, muitos vindos das próprias comunidades, tornaram-se maestros dessa jornada educacional, desdobrando mapas de aprendizagem que refletiam as vivências e culturas locais.

Nesse compasso de mudanças, outros movimentos se uniram à orquestra da educação. Os Centros Populares de Cultura (CPC), surgindo em 1963, foram como músicos adicionais, trazendo uma melodia artística à educação. Com o suporte do Movimento de Cultura Popular (MCP), essa convergência de arte e conhecimento se tornou uma sinergia única, criando um ambiente onde as expressões culturais locais eram não apenas reconhecidas, mas celebradas.

Já a Campanha Pé no Chão Também se Aprende a Ler (CPCTAL) adicionou acordes vibrantes a essa sinfonia. Ao reconhecer que a aprendizagem se estende além das paredes formais da sala de aula, essa campanha tornou-se um eco das vozes daqueles que aprendiam com os pés no chão da experiência, conectando-se à terra de onde suas histórias brotavam.

Cada um desses movimentos, em sua singularidade, contribuiu para uma narrativa mais ampla de inclusão e empoderamento. As páginas da história do MEB e seus companheiros são manuscritos ricos em humanidade, onde a educação não era apenas uma transmissão de

conhecimento, mas uma celebração de identidades, uma afirmação de que todos merecem participar da sinfonia do aprendizado.

Mediante a tudo isso emerge a figura marcante de Paulo Freire, um visionário cujo legado ressoa até os dias atuais. Sua trajetória transcendeu os muros das salas de aula, transformando-se em um farol de esperança para a educação popular e, em particular, para a EJA.

É impossível falar de Paulo Freire sem remontar à sua experiência emblemática em Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963. Nesse contexto, Freire desenvolveu um sistema de ensino revolucionário, profundamente conectado às realidades dos jovens, adultos e idosos que ali buscavam conhecimento. Sua abordagem transcendeu os métodos tradicionais, focando na realidade concreta dos alunos, suas vivências e desafios cotidianos. (BRANDÃO, 2005)

Ao adentrar a sala de aula em Angicos, Freire desvendou o potencial transformador da educação libertadora. Seu método, conhecido como "método Paulo Freire" ou "método da conscientização", promovia a alfabetização não apenas como decodificação de letras, mas como uma leitura crítica do mundo. Os estudantes eram incentivados a refletir sobre suas próprias condições de vida, dialogando sobre temas relevantes e contextualizados. (FONSECA; FERREIRA, 2021)

A pedagogia freiriana, centrada no diálogo e na conscientização, alçou voo, influenciando não apenas o Brasil, mas diversas partes do mundo. A ideia de que a educação deve ser um instrumento de libertação e empoderamento ganhou terreno, especialmente na Educação de Jovens e Adultos, onde a necessidade de reconhecimento das experiências individuais se torna ainda mais premente. Com base nisso, trazemos a fala dos autores Fonseca e Ferreira (2021, p. 236):

[...] A pedagogia de Paulo Freire, mesmo aplicada e desenhada naquele período em que a situação política, civil e social era completamente diferente da atualidade, juntamente a seu ensinamento, se faz ainda muito importante, por ser uma corajosa tentativa de enfrentar uma tensão ideológica de transformação da heteronomia para a autonomia. (FONSECA; FERREIRA, 2021, p. 236)

Dessa forma, Paulo Freire não apenas alfabetizou em Angicos; ele desencadeou uma revolução no modo como concebemos a educação. Sua visão humanizada e centrada na práxis, na ação-reflexão, rompeu paradigmas, oferecendo uma alternativa à educação bancária, autoritária e desvinculada das realidades sociais.

Na história da EJA, Freire é mais do que um nome; é um guia, uma fonte inesgotável de inspiração para educadores comprometidos com a construção de um mundo mais justo e

igualitário. Seu legado ecoa nos corredores das escolas que acolhem jovens, adultos e idosos em busca de oportunidades, desafiando-nos a repensar constantemente o papel da educação em nossas vidas e na sociedade. Em cada página de sua obra, Freire continua a nos lembrar que a educação é um ato de amor, de diálogo e, acima de tudo, de transformação.

Dando continuidade ao contexto histórico da EJA entre as décadas de 1960 e 1970 foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o qual tinha como objetivo alfabetizar pessoas que tinham entre 15 a 30 anos de idade, esse processo de alfabetização buscava o desenvolvimento de habilidades tanto para o trabalho quanto para a vida social. O MOBRAL obteve sucesso no país, além de contar com um número expressivo de pessoas participantes. Nas palavras de Beluzo e Toniosso (2015, p. 200), “O Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL – surgiu no dia 15 de dezembro de 1967, de acordo com a Lei nº 5.379, quando o governo assumiu o controle da alfabetização de adultos voltando-a para a faixa etária de 15 a 30 anos”, além disso, cabe salientar que não era exigido capacitação dos educadores para o MOBRAL, ou seja, “qualquer um que saiba ler e escrever pode também ensinar. Qualquer um, de qualquer forma ganhando qualquer coisa” (GALVÃO; SOARES, 2006, p. 46), evidenciando um descaso na alfabetização de jovens e adultos.

Assim sendo, essa falta de exigência de preparo educacional para os alfabetizadores do MOBRAL ecoava como uma nota dissonante. A educação, essencialmente um ato de empoderamento, encontrava-se às vezes entregue a mãos não devidamente formadas. O lamento dessa realidade ressoa em cada indivíduo que, embora tenha sido alvo do MOBRAL, questiona a profundidade do aprendizado recebido.

Ao refletirmos sobre o MOBRAL, somos confrontados com a dualidade de sua história. De um lado, uma tentativa de trazer luz à escuridão do analfabetismo; do outro, a sombra de uma abordagem que menosprezava a importância da formação qualificada dos educadores. Que este capítulo nos inspire a buscar abordagens mais holísticas e profundas na educação, onde a qualidade do ensino não seja eclipsada por números impressionantes, mas onde cada conquista represente verdadeiro crescimento e capacitação.

Após o período do MOBRAL, foi instituído no país na década de 1974 o Centro de Estudos Supletivos (CES). Esse foi mais um capítulo cujas páginas contêm tintas de ensino tecnicista e superficial. Como um quadro desbotado, esse programa prometia certificados de conclusão em um piscar de olhos, aderindo a uma abordagem que, por vezes, sacrificava a profundidade em prol da rapidez. (SILVA, 2017)

O CES, regido pelo princípio do ensino supletivo, tornou-se uma peça do quebra-cabeça educacional. Imbuído pela Lei 5.692-71, que conferiu à educação de jovens e adultos o caráter

supletivo, esse modelo buscava se alinhar ao mesmo padrão do ensino fundamental. No entanto, o traço marcante era a superficialidade, uma educação que, embora rápida, talvez tenha deixado lacunas na jornada do aprendiz. (SILVA, 2017)

A década de 1980 surge como um ponto de virada, uma aurora de mudanças e reflexões. É nesse período que finalmente se inicia uma incursão mais profunda nos estudos e pesquisas sobre a alfabetização de adultos. Essa virada de página contribui de maneira significativa para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), lançando as bases para um entendimento mais amplo e comprometido com o processo educativo desses sujeitos (SILVA, 2017).

Neste cenário, os estudos e pesquisas se tornam pincéis que revigoram a imagem desbotada da educação de adultos. O reconhecimento da EJA como uma modalidade de ensino digna de aprofundamento reflete a maturidade da sociedade em compreender a importância de oferecer uma educação que vá além do supletivo, abraçando a complexidade e singularidade de cada aprendiz.

Como um processo de restauração, a década de 1980 dá início a uma trajetória onde a Educação de Jovens e Adultos é apreciada não apenas pela rapidez na obtenção de certificados, mas pelo impacto duradouro na vida dos educandos. As tintas da superficialidade começam a ceder espaço para uma paleta mais rica, onde as cores da aprendizagem são intensas e profundas, refletindo uma nova era na educação para adultos. Que possamos continuar essa jornada de reconhecimento e valorização, enxergando cada pessoa como um quadro a ser preenchido com a tinta vibrante do conhecimento duradouro.

Conforme as palavras tecidas por Galvão e Soares (2006) no palco da história brasileira, um evento monumental ocorreu em 1988, um concerto onde os acordes da democracia foram entrelaçados em um documento sagrado – a Constituição Federal de 1988. Como uma sinfonia épica, essa constituição ressoa até os dias atuais, marcando uma virada significativa na trajetória do Brasil. Assim, a constituição de 1988 garantia o direito a educação a todos aqueles que nunca frequentaram a escola, tanto para aqueles que não tiveram a oportunidade de concluir as etapas da escolarização, contribuindo assim, para o avanço da Educação de Jovens e Adultos (GALVÃO; SOARES, 2006). Dessa forma, cabe pontuar que no artigo 205 da Constituição, está explícito que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família”, deixando evidente o direito a educação, bem como o papel de todos, principalmente do Estado, quanto a oferta de ensino.

A importância desse momento não pode ser subestimada. A Constituição de 1988, carinhosamente apelidada de "Constituição Cidadã", foi o resultado de um esforço coletivo para consolidar os ideais de justiça, liberdade e igualdade em um país que emergia de anos de regime

militar. Foi uma promessa solene de construir uma sociedade inclusiva, onde cada cidadão fosse reconhecido e protegido. (GALVÃO; SOARES, 2006)

Ao trazer à luz princípios fundamentais, a Constituição de 1988 delineou os contornos de uma nação que almejava superar as cicatrizes do autoritarismo. Como uma partitura meticulosa, ela definiu os direitos e deveres de cada indivíduo, estabelecendo a base para uma democracia vibrante e participativa. Foi um convite à cidadania, um chamado para que cada pessoa se visse como parte integrante da construção do país.

Além disso, a Constituição de 1988 ergueu-se como um guardião dos direitos humanos, proporcionando um abrigo seguro para as diversas vozes que compõem a rica melodia do Brasil. Ela reconheceu a pluralidade cultural, étnica e social, promovendo a igualdade e a valorização da diversidade.

Ao longo dos anos, essa Constituição tem sido um farol, guiando o Brasil através de tempestades e bonanças. Seus princípios servem como um lembrete constante de que, mesmo em meio às discordâncias, a busca pela justiça, pela liberdade e pela igualdade deve ser a bússola que orienta nossa jornada coletiva.

Hoje, celebramos não apenas um documento legal, mas um legado de esperança e progresso. A Constituição de 1988 é mais do que palavras escritas; é uma ode à resiliência do povo brasileiro, uma afirmação vibrante de que, juntos, podemos construir um país onde cada cidadão tenha seu lugar na sinfonia da democracia. Que continuemos a honrar e proteger essa conquista, perpetuando o espírito cidadão que ela evoca.

O período subsequente da história da EJA no Brasil, remonta a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a qual foi um outro marco importante para a EJA. No grandioso espetáculo da educação brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), como uma coreografia intrincada, delineia os passos que a nação dá em direção ao progresso educacional.

Promulgada em 1996, essa legislação se tornou uma peça-chave, conduzindo a dança do conhecimento em solo brasileiro. Com isso, vem contribuindo com os aspectos referentes a educação, principalmente as especificidades e complexidades do processo educacional. Nesse sentido, cabe citar o inciso VII do artigo 4, a “oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”, com isso, percebemos que a LDB garante a oferta do ensino para jovens e adultos, levando em consideração as suas realidades, necessidades e disponibilidades para a permanência no espaço escolar.

Como qualquer boa coreografia, a LDB busca harmonizar os elementos essenciais do sistema educacional. Seus movimentos são delineados para garantir a qualidade, a equidade e a eficácia do ensino, proporcionando uma dança fluida que se adapta às necessidades em constante evolução da sociedade. No coração dessa performance, a LDB reconhece o valor da diversidade, entendendo que cada aluno é uma estrela única com potenciais singulares. Ela estabelece diretrizes para uma educação inclusiva, que respeita as diferenças e proporciona um ambiente onde cada estudante pode brilhar.

Ao mesmo tempo, a LDB é uma partitura que ressoa com os acordes da cidadania e responsabilidade. Ela define os papéis dos diversos atores na educação - professores, gestores, famílias e alunos -, destacando a importância de uma parceria colaborativa para o sucesso do espetáculo educacional. Contudo, assim como qualquer coreografia, a LDB também enfrenta desafios. Às vezes, os passos podem parecer complexos demais, e a dança da educação encontra obstáculos. No entanto, é nesses momentos que a resiliência da LDB brilha, adaptando-se e buscando sempre o aprimoramento do ensino.

Ao observarmos a dança da educação sob a luz da LDB, somos lembrados de que a aprendizagem é um movimento contínuo, uma jornada que nunca cessa. Cada artista, seja professor ou aluno, é parte integrante dessa coreografia, contribuindo para a riqueza e vitalidade da expressão educacional brasileira.

Nesse mesmo período da promulgação da LDB, foram criados programas federais, sob a coordenação do Ministério da Educação e Cultura (MEC), com o intuito de formar jovens e adultos, porém “[...] desenvolvidos em regime de parceria, envolvendo diferentes instâncias governamentais, organizações da sociedade civil e instituições de ensino e pesquisa (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 124), apresentados na tabela abaixo:

TABELA 01: PROGRAMAS FEDERAIS

PERÍODO	PROGRAMA	OBJETIVOS
1997	Programa Alfabetização Solidária (PAS)	Diminuir a quantidade de jovens (12 a 18 anos) e adultos analfabetos nas cidades que apresentavam o maior índice de analfabetismo, de acordo com os dados colhidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tinha a sua atuação reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a

		Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).
1998	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA)	Busca alfabetizar trabalhadores do campo assentados. Além disso, oferta cursos de Educação Básica e para níveis superiores: pós-graduação e mestrado
1995	Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador (PLANFOR)	Realização de ações de educação profissionalizante, de modo a diminuir o desemprego e as desigualdades sociais, como também o combate à pobreza.
1990	Movimento de Educação (MOVA)	Foi criado pelo educador Paulo Freire, o qual buscava através da educação o direito a busca pela cidadania, construção do conhecimento através da dialogicidade entre todos os envolvidos no processo educacional.
2003	Programa Brasil Alfabetizado (PBA)	Buscou a erradicação do analfabetismo no país, além da universalização do ensino fundamental. Defende a oferta gratuita de ensino (alfabetização), como possibilidade ao ensino ao longa vida.
2007	Todos pela Educação (TOPA)	Foi instituída através de lutas, e tem como objetivo alfabetizar adultos e idosos, com uma oferta de ensino que garanta a sua permanência no espaço escolar.

(OLIVEIRA, 2021)

Mediante todo o percurso histórico da Educação de Jovens e Adultos no país, ficou evidente as lutas, os desafios, as conquistas, os avanços os retrocessos, as complexidades que permeiam essa modalidade de ensino até os dias atuais. Nesse sentido, trazemos as pontuações de Arroyo (2007, p. 7) o qual diz que: “A EJA tende a configurar-se, cada vez mais, como um projeto de educação popular dos jovens e adultos jogados à margem. Daí, podemos tirar uma conclusão: a EJA continua tendo sentido enquanto política afirmativa desse coletivo”. Diante

desse posicionamento de Miguel Arroyo, cabe a nós pensarmos quem são esses sujeitos que participam da EJAI, as suas marcas de vida, o que buscam, quais os seus sonhos, para que continuemos a lutar pela EJAI, de modo a garantir a esses sujeitos novas perspectivas de vida. É nesse sentido que, quando retomamos a história da EJA no Brasil, podemos perceber os desafios, mas cada avanço conquistado é de suma importância, principalmente para re (pensarmos) a real situação dessa modalidade nos dias atuais e o que ainda pode ser feito para efetivar uma educação de equidade e qualidade para todos.

Além disso, no intrincado tecido da educação, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) se destaca como um projeto de resgate, uma jornada que busca iluminar os caminhos daqueles que, por diferentes razões, encontraram-se à margem do conhecimento. Como um farol na noite, a EJA brilha como uma política afirmativa, trazendo significado e propósito àqueles que buscam (re)construir seus saberes.

A EJA, ao longo do tempo, como podemos perceber durante a criação dos parágrafos anteriores, tem se configurado como mais do que simplesmente uma modalidade educacional. Ela é um abraço caloroso, uma oportunidade estendida, uma narrativa que entrelaça os sonhos de jovens e adultos que, por diversas circunstâncias, foram jogados às margens do sistema educacional tradicional. É um projeto que se tece com fios de esperança, reconhecendo que a educação não tem data de validade e que cada mente é uma semente em potencial.

Em sua essência, a EJA é uma resposta às lacunas sociais e educacionais, uma voz que diz que todos têm o direito de aprender, independentemente da idade ou trajetória de vida. É um convite para que cada aluno se veja como um protagonista em sua própria história de aprendizado, redefinindo os rumos de suas vidas por meio da educação.

Nesse contexto, a EJA revela-se como uma política afirmativa, uma ação concreta que reafirma o valor intrínseco de cada indivíduo. É um gesto de justiça, uma maneira de dizer que o conhecimento é um direito universal e que a educação é um meio de capacitar e empoderar.

Portanto, ficamos por aqui, mesmo sabendo que muito ainda precisa ser feito, mas com o pensamento e com a certeza de que a EJA não é apenas um capítulo na história da educação; é uma narrativa em constante construção, um poema à perseverança e à resiliência daqueles que escolhem trilhar esse caminho. Enquanto a EJA persistir como uma educação que resgata, afirma e ilumina, seu sentido ecoará como um tributo à educação popular, abrindo portas para um futuro onde todos têm a oportunidade de aprender, crescer e se afirmar.

3.2 SUJEITOS E CONTEXTOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS

Ao iniciarmos a jornada pela Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), somos instigados a refletir profundamente sobre os sujeitos que protagonizam essa narrativa educacional singular. Nas palavras sábias de Miguel Arroyo (2006, p. 22), a interrogação ecoa: "Quem é essa juventude e quem são esses adultos com quem vamos trabalhar? O que significa ser jovem e adulto da EJA?"

A pergunta de Arroyo ressoa como um convite à compreensão das nuances que permeiam a vida desses sujeitos, que, muitas vezes, encontram na EJAI uma bússola para reorientar seus destinos. Cada jovem, adulto e idoso que se lança nessa jornada educacional traz consigo uma bagagem única, marcada por experiências diversas, desafios superados e sonhos acalentados.

Ser jovem, adulto ou idoso na EJA transcende a mera categorização etária; é assumir um papel ativo na busca por conhecimento, um ato de coragem diante das adversidades do tempo. Esses sujeitos não são meros receptores de informações; são protagonistas de uma história que desafia o estigma do "tempo adequado" para aprender. Com isso, trazemos um trecho que descreve um pouco quem são esses estudantes da EJAI:

São homens e mulheres, trabalhadores/as empregados/as e desempregados/as ou em busca do primeiro emprego; filhos, pais e mães; moradores urbanos de periferias e moradores rurais. São sujeitos sociais e culturalmente marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Vivem no mundo urbano, industrializado, burocratizado e escolarizado, em geral trabalhando em ocupações não qualificadas. Portanto, trazem consigo o histórico da exclusão social. São, ainda, excluídos do sistema de ensino, e apresentam em geral um tempo maior de escolaridade devido a repetências acumuladas e interrupções na vida escolar. Muitos nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar, quando crianças, em função da entrada precoce no mercado de trabalho, ou mesmo por falta de escolas (PAIVA, 1983, p. 19 *in* SILVA, 2017, p. 23).

De acordo com a citação acima, no tecido complexo da sociedade, cruzam-se histórias marcadas pela luta diária, desafios enfrentados com determinação e sonhos que se desdobram em meio às adversidades. São homens e mulheres, muito mais que simples categorias sociais, são protagonistas de narrativas intrinsecamente humanas "sujeitos excluídos e reincluídos, os quais têm vozes, contam suas histórias, falam de suas lutas e sonhos e motivam o campo da educação a almejar mais e rever conceitos". (SANTOS, 2018, p. 52)

Esses sujeitos da vida, trabalhadores/as empregados/as ou em busca do primeiro emprego, pais e mães que se desdobram nas responsabilidades familiares, carregam consigo a carga de experiências vividas no mundo urbano e rural. Moradores de periferias, sentem na pele as marcas da marginalização socioeconômica e educacional, uma exclusão que transcende barreiras e limita sua participação ativa nos diferentes aspectos da sociedade.

A falta de acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais não é apenas uma ausência material, mas um hiato que compromete o pleno engajamento no mundo do trabalho, da política e da cultura. Esses sujeitos, muitas vezes, veem-se trabalhando em ocupações não qualificadas, uma consequência direta da falta de oportunidades educacionais e da persistente exclusão social, assim” são jovens e adultos que têm uma trajetória muito específica, que vivenciam situações de opressão, exclusão, marginalização, condenados à sobrevivência, que buscam horizontes de liberdade e emancipação no trabalho e na educação”. (ARROYO, 2006, p. 23). Nas trilhas tortuosas da vida, os sujeitos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) emergem como protagonistas de narrativas densas e singulares. Cada um deles carrega consigo uma trajetória marcada por nuances peculiares, vivenciando, como bem destaca Arroyo (2006), situações de opressão, exclusão e marginalização que, por vezes, parecem sentenças de uma existência condenada à sobrevivência.

Esses jovens e adultos da EJAI não são apenas estudantes; são combatentes incansáveis em um campo de batalha que transcende o ambiente educacional. Em um mundo que muitas vezes lhes negou oportunidades, o trabalho e a educação tornam-se os horizontes pelos quais buscam fervorosamente a liberdade e a emancipação.

Opressões sociais e barreiras econômicas não foram capazes de tolher a chama que arde dentro de cada um desses sujeitos. No labor cotidiano e nas salas de aula da EJAI, eles desafiam o destino imposto, desvendando novas perspectivas. O trabalho não é apenas um meio de sobrevivência, mas um campo de luta por dignidade, onde cada esforço é uma busca por uma liberdade que transcende os muros da exclusão.

Na educação, encontram não apenas conhecimento, mas uma ferramenta poderosa para a transformação de suas realidades. Assim, “a modalidade do EJA não é apenas uma reposição de escolaridade; ela fomenta a construção de conhecimentos que transformam o mundo” (REICHARDT; SILVA, 2020, p. 59). Dessa forma, cada aula é uma jornada de superação, uma conquista que vai além das letras e números. Os estudantes da EJAI são agentes de sua própria emancipação, desenhando horizontes mais amplos para suas vidas por meio do aprendizado.

A EJAI, longe de ser apenas um ambiente educacional, é um refúgio de esperança, onde esses jovens e adultos buscam não apenas a mediação de conhecimento, mas a construção de

um caminho que os leve a uma plenitude até então desconhecida. Cada história, cada desafio enfrentado, é uma prova viva de que, mesmo diante das adversidades, a busca por liberdade e emancipação é um direito inalienável de cada sujeito da Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

Além de tudo isto, o cenário urbano, industrializado, burocratizado e escolarizado, embora pareça aberto a todos, muitas vezes, revela-se como um campo minado para esses indivíduos. A falta de qualificação, somada às repetências acumuladas e interrupções na vida escolar, contribui para um tempo maior de escolaridade, marcado por desafios que vão além das salas de aula.

A trajetória desses sujeitos é pontuada por histórias de quem, desde cedo, teve que se afastar da escola em função da entrada precoce no mercado de trabalho ou, em alguns casos, por uma cruel ausência de instituições educacionais acessíveis. A escola, que deveria ser um espaço de construção de conhecimento, muitas vezes torna-se um lugar distante e inalcançável. É por isso, que se destaca a importância da formação continuada de professores para que cada vez mais, busquem atender as especificidades desses sujeitos. Com isso, destacamos algumas inquietações de uma coordenadora pedagógica da EJAI:

Como a formação continuada refletia no trabalho de alguns professores? Por que para alguns professores a formação continuada se tornava tão importante ao ponto de modificar suas práticas pedagógicas? E por que, mesmo com as reflexões provocadas pela formação continuada, alguns insistiam nas mesmas práticas? Nesses contextos, quem e como eram vistos esses sujeitos da EJA, adolescentes, adultos e idosos? Como seria possível mediar os processos de interação entre sujeitos com características tão diferentes? Por que na EJA, as discussões sobre os sujeitos estudantes eram mais recorrentes, em comparação aos debates de outras modalidades educacionais? (CABRAL, 2013, p. 30-31).

Em um cenário pedagógico permeado por desafios e diversidades, as indagações da coordenadora pedagógica, expressas com sensibilidade, nos conduzem a um profundo mergulho nas complexidades da Educação de Jovens e Adultos e Idosos (EJAI). São questões que transcendem o âmbito acadêmico, revelando as intrincadas nuances do trabalho dos professores e a dinâmica única dessa modalidade educacional.

Ao perguntar sobre como a formação continuada reflete no cotidiano dos professores, a coordenadora revela um olhar atento às transformações que o aprendizado contínuo pode suscitar. Essa reflexão incide sobre a própria essência da docência na EJA, onde a adaptabilidade e a abertura para a evolução constante são essenciais.

A segunda pergunta, sobre a importância da formação continuada a ponto de modificar práticas pedagógicas, revela um reconhecimento do papel crucial desse processo na construção de uma educação mais eficaz. Essa busca por aprimoramento não é apenas uma aspiração

técnica, mas uma entrega apaixonada ao propósito de impactar positivamente a vida dos estudantes.

A terceira indagação, sobre a persistência de certas práticas mesmo após reflexões proporcionadas pela formação continuada, aponta para os desafios do rompimento com padrões arraigados. Essa resistência muitas vezes reflete não só uma questão de técnica, mas uma dança sutil entre a tradição e a inovação.

Ao abordar a visão dos sujeitos da EJA - adolescentes, adultos e idosos -, a coordenadora revela um olhar profundo sobre a diversidade de experiências que compõem essa comunidade educativa. Cada sujeito é uma narrativa viva, e a pergunta sobre como mediar os processos de interação entre eles denota uma compreensão do desafio de criar um ambiente inclusivo e enriquecedor.

Por fim, ao questionar por que as discussões sobre os sujeitos estudantes na EJAI são mais recorrentes, a coordenadora revela um compromisso com a compreensão integral desses indivíduos. A EJAI não é apenas um espaço de aprendizado formal; é um terreno fértil para histórias de superação, resiliência e busca por oportunidades perdidas.

Nessas perguntas, encontramos não apenas questões acadêmicas, mas reflexões profundas sobre a alma da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Cada palavra é um convite à empatia, ao entendimento e à construção de práticas pedagógicas que transcendam o mero repasse de conhecimento, abraçando a verdadeira essência da educação como agente transformador de vidas.

Dando continuidade as discussões sobre os estudantes da EJAI, a vivência de exclusão social se entrelaça com a exclusão do sistema de ensino, uma realidade que permeia suas vidas de maneira profunda. No entanto, é importante enxergar para além das estatísticas e compreender que cada um desses sujeitos é uma história única, carregando consigo o desejo latente de superação e transformação, ou seja, “a compreensão desses sentidos pode favorecer reflexões e debates nesse campo, com vistas a ampliar a visão acerca da aprendizagem do educando da EJA”. (CALDEIRA, 2011 p. 16)

Além disso, quando falamos dos estudantes da EJA e os seus contextos é pertinente salientar que a conciliação entre trabalho e estudos é uma tarefa árdua para muitos estudantes da EJAI. Eles frequentemente precisam equilibrar as demandas profissionais com as obrigações acadêmicas, encontrando tempo para as aulas e para as atividades de estudo. Esse esforço demonstra não apenas uma busca por conhecimento, mas uma determinação notável em superar obstáculos para melhorar sua condição de vida. Nessa perspectiva,

O perfil dos alunos da EJA é diversificado em relação à idade e escolaridade; são indivíduos que, por algum motivo, interromperam os estudos em idade escolar. Geralmente, esse grupo pertence à classe popular, a mais marginalizada, e colocam na EJA uma expectativa de vida melhor (REICHARDT; SILVA, 2020, p. 60).

Assim, na diversidade desses perfis, a EJAI se configura não apenas como uma modalidade de ensino, mas como um farol de esperança, iluminando o caminho daqueles que anseiam por uma educação capaz de romper as amarras do passado e construir um futuro pleno de possibilidades. Cada passo dado na EJAI é um testemunho de resiliência, uma afirmação de que nunca é tarde para (re)começar a jornada do saber.

Na EJAI, ser jovem é abraçar a oportunidade de construir um futuro distinto, mesmo que a sociedade, por vezes, insista em lhes sussurrar que o tempo já passou. É desafiar as convenções, romper com estigmas e, acima de tudo, acreditar na própria capacidade de aprender e crescer, independentemente da idade.

Ser adulto na EJAI é, muitas vezes, uma jornada de reinvenção. É superar a barreira do "nunca é tarde demais" e reconhecer que a busca pelo saber não tem data de validade. São indivíduos que, em meio aos compromissos cotidianos, encontram espaço para a educação, buscando não apenas leitura e escrita, mas uma leitura crítica do mundo que os cerca.

A figura do idoso na EJAI é uma expressão viva de resistência. É um testemunho de que o conhecimento é atemporal e que a sede de aprender não se esgota com o passar dos anos, mas “[...] requer de todos, em especial dos docentes, uma maior preocupação, visto que é comum que os ritmos de aprendizagens, que já são bastante heterogêneos na EJA, tornem-se ainda mais marcados e visíveis com a presença deste grupo etário” (ANDRADE, 2022, p. 27). Contudo, esses sábios aprendizes carregam consigo a riqueza de experiências, moldando a sala de aula em um espaço onde o passado e o presente dialogam, enriquecendo o aprendizado para todos.

Assim sendo, ao ingressar na EJAI, esses estudantes alimentam diversas expectativas em relação ao futuro. Muitos buscam novas oportunidades de emprego, promoções ou até mesmo a realização de sonhos adiados. A EJAI representa não apenas uma chance de completar a educação formal, mas também uma porta de entrada para um futuro mais promissor e qualificado. Nesse sentido,

A EJA tem como objetivo atender àquelas pessoas que de alguma forma tiveram que abandonar a escola e não puderam concluir as etapas no tempo adequado, fazendo com que estas mesmas pessoas possam retomar o papel de aluno, passando a fazer parte, como um cidadão participativo e não mais como observador (DOURADO; ALENCAR, 2022, p. 2).

A EJAI se constitui como um farol que ilumina o caminho daqueles que, por algum tempo, viram-se às sombras da oportunidade. É a afirmação de que nunca é tarde para aprender, nunca é tarde para se reinventar, e nunca é tarde para retomar o protagonismo na própria história. Na EJAI, o tempo se torna aliado, e cada passo dado é uma vitória conquistada sobre as adversidades, guiando o caminho rumo a um horizonte de aprendizado e transformação. Com isso, podemos dizer que a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) no Brasil desempenha um papel crucial na promoção da inclusão e na construção de oportunidades educacionais para aqueles que, por diferentes razões, não concluíram sua educação formal. Assim sendo,

Essa modalidade educativa, enquanto ação escolar, objetiva oferecer oportunidades para que seus destinatários adquiram ferramentas necessárias à vida nas sociedades atuais, reconhecidas como competitivas, excludentes, globalizadas, grafocêntricas, favorecidas e modificadas – permanentemente – pelo uso dos meios de comunicação e pelo avanço das tecnologias. E, ainda, visa ser um trabalho de natureza política que inclui, no seu fazer, a consideração à realidade das pessoas e aos sonhos por elas alimentados. (SILVA, 2006, p. 207)

A interação entre estudantes adultos e professores na EJAI é frequentemente caracterizada por uma dinâmica colaborativa. Os professores desempenham um papel fundamental na compreensão das experiências de vida desses alunos, adaptando suas abordagens pedagógicas para atender às necessidades específicas desse público. A interação entre os alunos é enriquecedora, com a diversidade de experiências contribuindo para um ambiente de aprendizagem único e estimulante. Mediante a esse pensamento, trazemos um trecho do texto de Filho e Couto (2020, p.6), quando dizem que:

Cada educando traz a sua identidade com as singularidades que os formam para a sala de aula, o que enriquece o ambiente escolar. Assim, cabe ao educador aproveitar essa pluralidade para desenvolver a construção do conhecimento em um ambiente de respeito mútuo, onde o aluno se sente seguro e estimulado a participar, não apenas das aulas, como também da elaboração do programa de estudos em conjunto, educandos, educadores e toda comunidade escolar. [...] Além disso, estes educandos devem ser estimulados a refletir e se autoavaliar nesse processo de aprendizagem para que os conteúdos aprendidos sejam praticados na escola e utilizados nos seus ambientes sociais. (FILHO; COUTO, 2020, p. 6)

Levando em consideração a fala acima, nas salas de aula, as paredes ressoam com a riqueza das cores humanas. Cada educando, com suas próprias nuances, traz consigo uma identidade única, formada por experiências, sonhos e peculiaridades. Cada educando entra na sala de aula como um dançarino, trazendo consigo sua própria coreografia de experiências e personalidade. É a dança das singularidades, onde cada passo conta uma história única. Os

educadores, como coreógrafos, têm a oportunidade de guiar essa dança, reconhecendo e valorizando cada movimento.

Com isso, podemos compreender que a sala de aula é um mosaico, onde cada educando é uma peça única que contribui para a beleza coletiva. São fragmentos de histórias de vida, misturando-se e formando padrões que enriquecem o ambiente. O educador, ao reconhecer a singularidade de cada peça, cria um mosaico vibrante que reflete a diversidade humana.

Dessa forma, a construção do conhecimento ocorre em um terreno fértil, onde as singularidades são os nutrientes essenciais. O educador atua como um jardineiro, cultivando a curiosidade e a sede de aprendizado em um solo rico de experiências individuais. Cada educando contribui com um capítulo distinto na história da sala de aula, acrescentando profundidade e autenticidade ao processo de aprendizagem.

Além disso, é importante salientar que o respeito mútuo é o alicerce que sustenta a construção do conhecimento. Em um ambiente onde cada voz é ouvida, e cada experiência é respeitada, os educandos sentem-se seguros para expressar suas ideias e perspectivas. O educador atua como um guia, incentivando um diálogo aberto e promovendo um senso de comunidade.

A elaboração do programa de estudos transforma-se em uma colaboração harmoniosa. Educandos e educadores, como coautores, contribuem para a criação de um currículo que ressoa com as necessidades e interesses de todos. A comunidade escolar torna-se uma assembleia criativa, onde o conhecimento é moldado por uma diversidade de vozes.

Com tudo isso, o retorno à escola por meio da EJAI não afeta apenas o indivíduo, mas reverbera nas famílias. Muitas vezes, a família se torna um pilar de apoio, incentivando o estudante a persistir diante dos desafios. O reconhecimento da importância desse retorno para o espaço escolar é notável, pois as famílias percebem que a educação é uma ferramenta poderosa para transformar não apenas a vida do estudante, mas também o ambiente familiar como um todo.

Portanto, ao olhar para esses homens e mulheres, não se trata apenas de contemplar estatísticas ou categorias sociais, mas de reconhecer a dignidade e a resiliência de seres humanos em constante busca por oportunidades. Cada um desses rostos conta uma história singular, e é justamente a escuta atenta dessas narrativas que nos possibilita compreender a riqueza de suas vidas e as barreiras que, juntos, podemos superar, sendo que:

São os sujeitos que, no passado, tiveram o acesso negado à educação e que hoje buscam esta modalidade de ensino para recuperar o tempo perdido, elevar sua escolaridade, concluir seus estudos e até mesmo, alcançar uma ascensão

profissional e social que antes era impossibilitada em função do preconceito atribuído pelo baixo nível de estudos (LUCINDO; GONZAGA, 2016, p. 5)

Por fim, refletir sobre quem são esses sujeitos da EJA é imergir em narrativas de vida, é reconhecer a diversidade de caminhos que os trouxe até aqui. É enxergar não apenas alunos, mas seres humanos em constante transformação, ansiosos por desbravar o mundo do conhecimento. Na EJAI, cada rosto carrega a carga de uma história única, e é a essa riqueza que dedicamos nossa atenção e esforços, conscientes de que, no processo educacional, o tempo é aliado, não inimigo.

3.3 A PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS E OS DESAFIOS ENFRENTADOS

Na trama da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) no Brasil, desenham-se histórias de superação e resiliência. Este texto mergulha nos desafios humanos enfrentados por esse público diversificado, explorando as emoções subjacentes e as estratégias tocantes que eles empregam para transpor os obstáculos rumo ao conhecimento e ao desenvolvimento pessoal. Com isso, trago a fala de Sá, (2014), quando relata que

A dupla rotina dos alunos ingressantes e estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, é bem corriqueira, pois a necessidade de trabalhar é constante em seu dia a dia e na sua vida, mas a opção de estudar é uma forma que este discente tem de promover uma melhora na sua vida e nas condições em que se encontra socialmente. Porém o árduo caminho de estudar e exercer uma profissão para seu sustento, acaba por muitas vezes atrapalhar seu rendimento escolar e até mesmo sua vida estudantil, mas ainda sim muitos conseguem se sobressair dos incômodos, desgasto físico e psicológico (SÁ, 2014, p. 1)

Muitas vezes, a dualidade de uma rotina diária não é isenta de desafios, para os alunos que precisam conciliar trabalho e estudo. O árduo equilíbrio entre trabalho e estudo muitas vezes lança sombras sobre o rendimento escolar e, por vezes, incide sobre o bem-estar físico e psicológico. O desgaste torna-se um parceiro constante nessa caminhada, desafiando a resiliência e a determinação de cada aluno.

Ainda assim, muitos desses estudantes conseguem transcender os incômodos, transformando desafios em conquistas e desgaste em força motriz. É a resiliência transformadora que os impulsiona a superar os obstáculos, guiando-os através dos desafios e alimentando a esperança de um futuro mais luminoso. Que possamos reconhecer a valentia e a

resiliência desses alunos da EJAI, que, mesmo diante dos obstáculos, escolheram o caminho da aprendizagem. Cada passo dado em direção às salas de aula é um testemunho vivo de que é possível reescrever a história, mesmo quando o ponto final já parecia ter sido colocado. A EJAI é, assim, um farol de esperança, iluminando o caminho daqueles que buscam construir um futuro mais promissor é “uma possibilidade em que os educandos exercitam a capacidade de pensar, ler, interpretar e elaborar conceitos acerca das suas expectativas de transformação da sua realidade” (ARAÚJO, 2017, p. 19).

Ainda cabe salientar que o trajeto entre casa e escola é mais do que uma distância física; é uma jornada emocional. A cada passo, os estudantes enfrentam desafios e sacrifícios. O tempo dedicado à locomoção poderia ser gasto com a família, mas a escolha de buscar conhecimento transcende a distância física, revelando uma busca por algo maior. Imaginem o cansaço acumulado ao longo do dia de trabalho. Mesmo assim, esses estudantes decidem enfrentar as salas de aula noturnas. É uma jornada que exige resiliência e uma vontade inquebrantável de superar o cansaço físico e mental. A noite escolar se torna um espaço de esperança, onde a luz do conhecimento brilha mais intensamente.

Na encruzilhada entre a necessidade perene de sustento e o anseio por uma transformação de vida, os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) carregam consigo uma dupla rotina que transcende o simples ir e vir das atividades diárias. É uma jornada marcada pela constante dança entre a responsabilidade de trabalhar e a busca incansável por conhecimento, delineando assim o tecido complexo de suas vidas. Assim, os protagonistas da EJAI enfrentam dias cansativos, onde o trabalho consome suas energias. A noite se aproxima, mas ao invés de descanso, é hora de ir para a escola. A luta para equilibrar responsabilidades profissionais e educacionais revela não apenas a força física, mas a resiliência emocional que os impulsiona a buscar mais.

A necessidade de sustento, muitas vezes, se torna um fio condutor ininterrupto em suas jornadas diárias. As exigências do cotidiano profissional se entrelaçam com os anseios de crescimento pessoal, criando uma trama desafiadora que demanda equilíbrio e resiliência. Trabalhar não é apenas um meio de subsistência; é a âncora que mantém firme o barco da vida em mares por vezes agitados. Por outro lado, a decisão de estudar é mais do que uma simples opção; é uma escolha corajosa de enfrentar o desconhecido em busca de um horizonte melhor. Cada página virada, cada conceito absorvido é um passo firme na direção da transformação. A sala de aula torna-se um oásis de oportunidades, onde sonhos são cultivados e a esperança floresce. Pensando nessa perspectiva, os autores Silva, Lima e Araújo (2010), trazem uma reflexão importante, quando dizem que:

Seja por falta de oportunidade de freqüentar a escola em idade adequada ou por se considerarem inaptos, conforme vários relatos já reportados a alguns dos professores da escola, os alunos da EJA, muitas vezes se vêem obrigados a voltar as salas de aula depois de anos de inatividade escolar, para tentar manter-se ou mesmo buscar inserção num mercado de trabalho cada vez mais exigente e excludente. Aqui cabe uma observação quanto ao modelo de ensino de EJA que não contempla, por exemplo, o ensino técnico profissionalizante que poderia ser um diferencial motivador para a permanência por mais tempo por parte dos alunos (SILVA; LIMA; ARAÚJO, 2010, p. 15).

Na imensidão do tempo, alguns de nós, por diversas razões, deixaram de trilhar os corredores escolares na época considerada adequada. Alguns por falta de oportunidade, outros por se sentirem inaptos diante da complexidade do aprendizado. Mas eis que surge a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) como uma ponte para reconstruir esses caminhos interrompidos. Nesse cenário, surge uma observação pertinente dos autores acima quanto ao modelo de ensino da EJAI. A ausência de ensino técnico profissionalizante é apontada como uma lacuna significativa. Imagine o impacto positivo que poderia ter na motivação dos alunos se pudessem vislumbrar não apenas um diploma, mas também uma formação técnica que ampliaria suas perspectivas no mercado de trabalho.

Assim, ao enfrentarem os desafios da EJAI, esses alunos não só buscam a reinserção no sistema educacional, mas almejam algo mais profundo: a transformação de suas vidas. A oportunidade de recomeçar em um ambiente que compreende suas peculiaridades e anseios é um catalisador para a permanência e o sucesso nessa jornada educacional, uma vez que, quando nos desafiamos a conhecer a realidade de muitos dos estudantes da EJAI, percebemos que:

Esses alunos fazem parte de um quadro de desfavorecimento social e a procura pela escola está ligada às decisões que envolvem suas perspectivas pessoais, motivação, com expectativa de conseguir um emprego melhor, aumentar a autoestima, satisfazer suas necessidades particulares e, assim, integrar a sociedade letrada da qual tem o direito, mas que muitos não fazem parte (GÁRCIA; MACHADO; ZERO, 2013, p. 71).

Esses aprendizes, muitas vezes esquecidos pelos holofotes da sociedade, buscam na educação mais do que meramente aprender a ler e escrever. É uma jornada repleta de significados profundos, uma busca por oportunidades que transcende as barreiras que o contexto social impõe. Assim, a escola se torna um refúgio onde os sonhos ganham asas. A motivação, intrinsecamente ligada às perspectivas pessoais, é um fio de luz tecido no tecido da esperança. A expectativa de conseguir um emprego melhor não é apenas uma busca por sustento, mas uma escalada em direção a uma vida digna, onde o trabalho não seja apenas uma tarefa, mas um propósito.

Nas palavras de Garcia, Machado e Zero (2013), percebemos que não se trata apenas de aprender a ler e escrever; é uma saga emocional em busca de uma integraao que vai além das palavras. é a busca pela cidadania plena, pela participaao ativa em uma sociedade que muitas vezes fecha as portas, mas que, mesmo assim, esses alunos persistem em bater. Dessa forma, podemos compreender que:

Cada aluno é visto de maneira diferente, pois são pessoas com responsabilidades sociais e familiares, com valores morais e éticos que a partir da sua experiência de vida. Pois a maneira destes jovens e adultos aprenderem é diferente da criança, porque eles já vêm cansado do trabalho, as vezes já tinham parado de estudar há algum tempo, por isso o raciocínio fica mais lento (PINHEIRO, 2020, p. 7).

Dessa forma, a realidade desses alunos é muitas vezes moldada pela necessidade de equilibrar as demandas do trabalho com o desejo de aprender. Os desafios emocionais e físicos que surgem dessa dupla jornada são complexos, mas a busca por um futuro mais educado e promissor é o combustível que os impulsiona. Assim, “para muitos alunos, a oportunidade mesmo que tardia da profissionalizaao representaria uma possibilidade mais táctil de retorno ao mercado de trabalho, tendo em vista que muitos alunos são trabalhadores informais que sofrem para se manterem estáveis em um emprego (SILVA; LIMA; ARAÚJO, 2010, p. 15).

Apesar dos obstáculos, muitos encontram maneiras criativas e inovadoras de superar esses desafios. Compartilhar experiências de sucesso, estratégias de organizaao e parcerias com a comunidade pode inspirar outros a encontrar soluoes práticas para suas próprias jornadas. O equilíbrio entre responsabilidades familiares, estudos e trabalho é um ato de malabarismo emocional. As histórias de estudantes que enfrentam a dupla jornada revelam não apenas o peso das obrigaoes, mas também o amor e apoio que permeiam essa complexa teia de compromissos. Assim, “o retorno à escola trás a expectativa de anseios realizados, valorizando a vida em cada contexto sociocultural, construindo assim novos começos, efetivando um caminho de expectativa e esperança que todos almejam” (ARAÚJO, 2017, p. 36).

Nesse caminho árduo, os professores tornam-se faróis de esperança. Histórias de empatia, compreensão e apoio mostram que, para muitos, os educadores não são apenas transmissores de conhecimento, mas companheiros de jornada, oferecendo suporte afetivo essencial. Logo,

O professor da EJA deve ter um olhar diferente, de compreensão e equilíbrio, considerando as vivências e experiências de seus alunos, tendo um papel fundamental para evitar novas situaoes de fracasso escolar. Deve-se criar entre os alunos e o professor uma relaao de confiança em que o profissional reconhece os saberes que os educandos possuem e relaciona a realidade por

eles vivida com os conteúdos escolares; dessa forma, a valorização dos alunos pelo professor e o bom acolhimento favorecem para que a aprendizagem ocorra de forma segura (GARCIA; MACHADO; ZERO, 2013, p. 71 – 72).

O olhar do professor na EJAI é como uma lente especial, capaz de capturar as nuances das histórias de vida que se desenrolam diante dele. Essa visão diferenciada é impregnada de compreensão, é o reconhecimento de que cada caminho percorrido pelos alunos é um capítulo essencial na construção de quem são. É uma abertura para o entendimento de que o fracasso não é o fim da história, mas uma encruzilhada que pode ser reescrita com apoio e orientação.

Assim, na sala de aula da EJAI, a educação é mais do que a transmissão fria de conceitos; é uma sinfonia de emoções, onde os olhares atentos do professor, os abraços de compreensão e o reconhecimento dos saberes se entrelaçam para criar uma dança única. Nesse palco de aprendizado, a segurança emerge não apenas do conhecimento adquirido, mas da confiança compartilhada e do respeito mútuo, dando aos alunos a certeza de que, ali, podem alçar voos seguros rumo ao saber.

Dessa forma, cada desafio superado, cada aula frequentada representa uma vitória. Celebrar esses momentos não apenas valida os esforços, mas também reconhece a resiliência e determinação de quem decide trilhar o caminho da educação em circunstâncias desafiadoras. A permanência na EJAI é uma jornada marcada pela coragem e resiliência. Cada passo, mesmo diante das adversidades, é um testemunho do comprometimento desses estudantes com a busca de conhecimento e transformação.

Dessa forma, a permanência na Educação de Jovens, Adultos e Idosos no Brasil é mais do que um ato acadêmico; é uma jornada marcada pelo coração, onde emoções, desafios e conquistas se entrelaçam. Que possamos reconhecer e valorizar não apenas os resultados, mas a resiliência e o espírito corajoso que caracterizam essa jornada educacional única. (GARCIA; MACHADO; ZERO, 2013).

Além da permanência do público da EJAI que abarca os desafios enfrentados no dia a dia, é importante salientar que a EJAI, muitas vezes, abraça aqueles que enfrentam desafios socioeconômicos. Alunos adultos e idosos podem ser impactados por condições financeiras adversas, instabilidade no emprego e falta de recursos. A resiliência desses estudantes se manifesta na busca por soluções criativas para garantir o acesso à educação, incluindo a conciliação entre trabalho e estudos. Assim, nas palavras sábias de Matos, Souza e Sousa (2018, p. 4):

Os jovens que frequentam as turmas da EJA carregam o histórico da reprovação, do abandono escolar e da desigualdade econômica, cujo déficit educacional resulta da falta ou da limitação de ação socioeducativa

direcionada a superação das condições materiais de existência. Ainda pesa sobre eles, a obrigação do trabalho juvenil como alternativa para o sustento das famílias, ficando condicionado ao ensino noturno e às dificuldades que se apresentarem (MATOS, SOUZA; SOUSA, 2018, p. 4)

A gestão do tempo é uma luta constante para quem busca a EJAI. Muitos enfrentam a difícil tarefa de conciliar responsabilidades profissionais e familiares com o compromisso de frequentar as aulas. Estratégias como a elaboração de horários adequados ao público e a busca por flexibilidade em ambientes de trabalho ou estudo são essenciais para superar esses desafios. Além disso, a falta de acesso a uma educação de qualidade é um desafio significativo para muitos alunos da EJAI. A deficiência de recursos educacionais e a falta de adaptação curricular para atender às necessidades específicas desse público podem dificultar a aprendizagem. Mas, conforme as palavras de Araújo (2017, p. 22)

Cabe ao professor da EJA, por meio da Educação Popular, estimular os estudantes a vivenciem em sala de aula o debate, a interatividade e a ação comunicativa, estimulando a adequada leitura de realidade sociopolítica, exercendo a função pedagógica de atendendo suas expectativas, considerando a qualidade de vida e maior conscientização dos seus direitos e deveres como cidadão (ARAÚJO, 2017, p. 22)

Assim, na sinfonia da Educação Popular na EJAI, a sala de aula se torna um espaço não apenas de aprendizado, mas de empoderamento. Cada palavra, cada gesto, é uma nota que compõe a trilha sonora de uma educação humanizada, onde o conhecimento não é apenas acumulado, mas vivido, transformado e, acima de tudo, compartilhado. Nesse cenário, o professor assume a função pedagógica de uma bússola, orientando os estudantes na leitura da realidade sociopolítica. É um guia que ilumina os caminhos tortuosos do entendimento, capacitando os alunos a decifrem as entrelinhas do mundo que os rodeia. O atendimento às expectativas não é apenas uma resposta ao que é demandado, mas uma construção conjunta de um futuro desejado. Assim,

Na modalidade em EJA, o educar precisa ser considerado uma atividade onde alunos e professores, mediados pela realidade aprendam e retirem conteúdo de sua aprendizagem, vindo a tomarem consciência de suas ações, cuja finalidade atua em busca da transformação social coletiva. A escola em atendimento a essa modalidade precisa ser entendida como prática da liberdade e espaço transmissor de informações que favoreçam ao indivíduo a formação do senso crítico, levando-o a entender, reivindicar e transformar-se conforme conhecimentos adquiridos (FELICIANO; FERREIRA; DELGADO, 2018, p. 7)

Nesse sentido, na intricada trama da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), o ato de educar transcende as fronteiras tradicionais, erguendo-se como uma experiência

imersiva, rica em humanidade e significado. Nas palavras de Feliciano, Ferreira e Delgado (2018), o educar não é apenas um processo unidirecional, mas uma dança compartilhada, onde alunos e professores, guiados pela realidade que os cerca, extraem lições profundas.

A sala de aula na EJAI é mais do que um espaço físico; é um cenário onde corações se abrem para aprender e ensinar, onde as vivências dos alunos se entrelaçam com as experiências dos professores. A educação torna-se uma jornada conjunta, onde o conhecimento não é apenas transmitido, mas extraído, cultivado, florescendo em uma consciência coletiva que pulsa com a vitalidade da aprendizagem.

O propósito dessa modalidade vai além da mera aquisição de informações. É uma busca fervorosa pela transformação social coletiva, onde a escola é moldada como um epicentro de liberdade. A liberdade não se limita ao espaço físico; é uma prática vivenciada, um sopro de ar fresco que permeia cada aula, cada interação, impulsionando os indivíduos em direção à plenitude de seu potencial. Assim, a escola, nesse contexto, é mais do que um depositário de conhecimento. É um santuário do pensamento crítico, uma incubadora onde o senso crítico é nutrido e cultivado. Cada informação transmitida não é um dogma a ser aceito passivamente, mas uma semente de questionamento, uma faísca que acende o fogo da reflexão (FELICIANO; FERREIRA; DELGADO, 2018).

A aprendizagem, portanto, é uma jornada que transcende o mero acúmulo de fatos. É um chamado à compreensão, à reivindicação e, acima de tudo, à transformação. O conhecimento adquirido não é uma peça estática; é uma força dinâmica que capacita os indivíduos a questionarem o status quo, a exigirem mudanças e a moldarem o próprio destino.

Na EJA, o educar é mais do que uma atividade; é uma ode à busca constante pelo saber, um tributo à liberdade de pensamento e uma celebração da transformação individual e social. Cada aula, cada conversa, é um capítulo nesse épico educacional, onde a humanidade se entrelaça com o conhecimento, gerando uma sinfonia única que ressoa nos corações dos alunos e professores.

Apesar dos desafios, a jornada da EJAI é marcada pela resiliência e conquistas significativas. Cada passo dado na busca pelo conhecimento representa uma vitória sobre as adversidades, evidenciando a força do compromisso com a educação mesmo em face de obstáculos consideráveis. Que essas histórias inspirem e fortaleçam a compreensão da importância da EJAI na construção de um futuro mais inclusivo e educado.

4. TRILHA METODOLÓGICA DA PESQUISA

A trajetória da pesquisa científica é uma jornada fascinante, um caminhar pelos territórios desconhecidos do conhecimento que desvela os mistérios mais profundos da existência humana. Como alquimistas modernos, os pesquisadores buscam transformar a curiosidade em sabedoria, a dúvida em certeza, e a obscuridade em luz. Nessa perspectiva, “desde o seu nascimento o homem interage com a natureza e os objetos ao seu alcance, observando as relações sociais e culturais no meio em que vive. E é através dessa observação e da sua interação com as pessoas e os objetos que o homem adquire conhecimento” (PEREIRA *et all*, 2018, p. 13). Dessa forma, cada pesquisa é como uma peça única adicionada ao grande mosaico do entendimento humano. Ela não apenas enriquece a compreensão coletiva, mas também ilumina os recantos obscuros, revelando as cores vibrantes da complexidade que permeia os mais diversos aspectos da sociedade.

No coração desse processo está a metodologia, o guia intrépido que delinea os passos a serem dados. Ela não apenas organiza a busca, mas também infunde significado em cada ação, tornando-se a bússola que orienta os pesquisadores em sua jornada. É a arte de planejar, definir e sistematizar, sempre mantendo os objetivos firmemente em foco. Assim, os avanços que emergem desse empreendimento coletivo não são apenas marcos no tempo, mas testemunhos do poder da pesquisa em moldar o futuro. Descobrir novas verdades, desafiar conceitos estabelecidos e lançar luz sobre áreas anteriormente sombrias são feitos que ressoam através das eras, ecoando a importância intrínseca da pesquisa científica.

Nesse constante diálogo entre o conhecido e o desconhecido, entre a pergunta e a resposta, a pesquisa científica deixa um legado duradouro. Cada estudo é uma peça no quebra-cabeça do progresso, contribuindo para a vasta tapeçaria do entendimento humano. Que essa jornada de descobertas continue a inspirar e moldar o nosso futuro, lembrando-nos sempre de que, no coração da pesquisa, reside o desejo humano fundamental de explorar, entender e, por fim, evoluir.

4.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA

A história da pesquisa científica é entrelaçada com os fios da curiosidade, questionamento e inovação. Em sua essência, a pesquisa não é apenas a busca pelo desconhecido, mas um processo estruturado e metodológico que visa ampliar os horizontes do entendimento humano. Dessa forma, a pesquisa científica é uma jornada incessante em direção ao conhecimento. Desde os primórdios, a curiosidade humana tem sido a força motriz por trás

das investigações que buscam decifrar os mistérios do universo, da natureza e da própria existência. Cada descoberta é um passo em direção à compreensão mais profunda dos sentidos da humanidade. Dessa forma, podemos compreender que a metodologia adotada para a construção de uma pesquisa é de suma importância.

De acordo com Nascimento (2013, p. 232): “é preciso esclarecer que o objetivo da metodologia é o desenvolvimento de procedimentos, técnicas, utilização de métodos e sistematização de informações para produção de conhecimento”. A metodologia, nesse contexto, emerge como o guia na vastidão da pesquisa. É a bússola que orienta cada passo, a lente que foca as perguntas, e a ferramenta que organiza o caos da exploração intelectual. Desde os experimentos pioneiros até as análises avançadas de dados, a metodologia é a estrutura que sustenta a jornada científica.

Dessa forma, a metodologia não é apenas um meio, mas o alicerce para alcançar resultados satisfatórios. Ela oferece a direção precisa para atingir os objetivos delineados no início da pesquisa. Cada escolha metodológica é um passo calculado em direção ao sucesso, guiando os pesquisadores através dos desafios inerentes à exploração científica. Por isso, para o desenvolvimento desta pesquisa, seguimos diversas etapas metodológicas que foram cruciais para melhor entender os objetivos propostos.

Com base nisso, cabe salientar que o presente trabalho está pautado no âmbito da pesquisa qualitativa, a qual transcende as limitações dos números, abrindo portas para uma compreensão mais holística dos fenômenos estudados. Enquanto métodos quantitativos oferecem dados objetivos, a pesquisa qualitativa adentra o reino das experiências subjetivas, capturando o significado por trás das estatísticas e revelando a riqueza das histórias individuais.

Ao contrário de abordagens estritamente quantitativas, a pesquisa qualitativa busca entender o contexto em que os fenômenos ocorrem. A complexidade da vida humana não pode ser reduzida a números isolados; ela exige uma análise profunda das interações, relações e influências que moldam as experiências. Assim sendo, a subjetividade é o coração da pesquisa qualitativa. Entender como as pessoas interpretam e atribuem significado às suas experiências é fundamental para compreender a complexidade da realidade. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa dá espaço de fala aos participantes, permitindo que suas perspectivas e vivências sejam ouvidas e valorizadas.

Seguimos por essa metodologia, pois os “estudos com essa abordagem objetivam o aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno” (MUSSI *et al*, 2019, p. 421). Nesse sentido, a pesquisa qualitativa adota métodos

flexíveis, adaptando-se às nuances dos contextos estudados. Entrevistas em profundidade, observações participativas e análises de conteúdo são ferramentas que permitem aos pesquisadores explorar a diversidade de experiências, garantindo que a pesquisa seja sensível às particularidades de cada contexto.

As contribuições da pesquisa qualitativa não se limitam ao entendimento individual; elas se estendem para informar teorias e práticas mais amplas. Ao mergulhar nas histórias e significados subjacentes, essa abordagem enriquece o corpo de conhecimento em diversas disciplinas, promovendo uma compreensão mais completa e contextualizada (NASCIMENTO, 2013).

Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa é uma jornada para a profundidade do conhecimento humano. Ao destacar as histórias individuais, significados atribuídos e complexidades contextuais, ela expande nossas fronteiras de compreensão. Que essa abordagem continue a ser uma ferramenta valiosa para desvendar as complexidades da experiência humana e enriquecer nosso entendimento do mundo que habitamos.

Assim, em meio aos caminhos intrincados da pesquisa, a abordagem qualitativa emerge como uma trilha que se aprofunda na riqueza das experiências humanas. Como expresso por Chizzotti (2003), é mais do que uma simples metodologia; é uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que respiram vida nos objetos de estudo. Ao abraçar a partilha densa, a pesquisa qualitativa mergulha no tecido das experiências humanas. Não é apenas sobre observar de longe, mas sim sobre mergulhar nas águas profundas dos sentimentos, pensamentos e contextos que moldam as histórias que se desdobram diante de nós. Assim, nas palavras de Chizzotti (2003, p. 221):

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Em um mundo onde os dados podem parecer frios e desprovidos de alma, o enfoque qualitativo emerge como a ferramenta artística que dá vida às nossas descobertas. A compreensão contextualizada, uma das virtudes desse método, nos permite mergulhar nas nuances da realidade, capturando a essência subjacente ao fenômeno pesquisado. Assim, em última análise, a metodologia é o pilar sobre o qual repousa o progresso científico. Cada pesquisa é uma sinfonia meticulosamente conduzida, onde a metodologia atua como o maestro

que guia os instrumentos da exploração. Que a história da pesquisa científica continue a ser escrita com a tinta da metodologia, perpetuando a busca infindável por respostas que desvendem os mistérios que ainda nos desafiam.

4.2 CAMINHOS UTILIZADOS

Em cada pesquisa, uma narrativa única se desenrola, com a metodologia atuando como o fio condutor dessa trama complexa. Nessa jornada, a escolha dos métodos é mais do que uma decisão técnica; é um mergulho profundo na essência dos fenômenos investigados. Assim, cada pesquisa é uma sinfonia, com os métodos como os instrumentos que moldam a melodia. Da mesma forma que um maestro cuidadoso escolhe cada instrumento para criar uma obra-prima, o pesquisador delinea a metodologia com critérios rigorosos, garantindo que cada nota contribua para a harmonia da descoberta.

A pesquisa é um encontro profundo com os métodos, uma dança íntima entre o pesquisador e as técnicas escolhidas. Assim como em uma relação, essa aproximação exige entendimento e dedicação. Ao se apropriar profundamente dos métodos, o pesquisador estabelece uma conexão rica que transcende o mero aspecto técnico. De acordo com a fala acima, Brito Júnior e Feres Júnior (2011, p. 241) destacam que:

Identificar os pontos fortes de uma técnica de coleta de dados, assim como suas fraquezas, possibilita ao pesquisador, ter plena consciência da quantidade e qualidade das informações que podem ser coletadas com a sua utilização. Isto faz com que a escolha da melhor técnica a ser utilizada torne-se mais lúcida para o pesquisador (BRITO JÚNIOR; FERES JÚNIOR, 2011, p. 241).

A relevância dos métodos é como tecer fios em uma trama intrincada. Cada técnica contribui para a riqueza do tapete da pesquisa, proporcionando não apenas dados, mas uma compreensão mais profunda dos fenômenos. A identificação cuidadosa de como cada método será relevante é o toque humano que confere significado à pesquisa.

Cada técnica de pesquisa é uma dança sensível com seus próprios aspectos. Assim como em uma coreografia, o pesquisador precisa conhecer os movimentos de cada método, entender suas peculiaridades e identificar como eles se entrelaçam na dança da investigação. Essa dança sensível permite uma abordagem mais holística e envolvente.

Nesta jornada de descobertas, a escolha de cada método é uma decisão envolta em significados profundos, guiada por critérios que apontam para os melhores caminhos na busca do conhecimento. Cada passo, cada escolha, é uma tentativa sincera de realizar um estudo que não apenas toque a superfície, mas que mergulhe de maneira precisa e aprofundada nos

fenômenos que ousamos investigar. Dessa forma, ao decidirmos pelos métodos a serem empregados, não estamos apenas selecionando ferramentas; estamos nos conectando com o conhecimento de uma maneira que transcende o acadêmico. É uma escolha delicada, permeada pela busca sincera de compreensão, onde a sensibilidade guia nossos passos para os melhores caminhos.

O levantamento teórico não é apenas uma revisão; é uma jornada pelas ideias que moldam o nosso entendimento. Cada página virada é uma descoberta, uma conversa com as mentes que moldaram o campo. É mais do que um instrumento; é um diálogo com as vozes do passado e do presente, contribuindo para a riqueza do nosso estudo.

Na pesquisa de campo, mergulhamos na dança dos dados vivos. Observações que vão além do óbvio e questionários que capturam perspectivas únicas. Cada interação é uma oportunidade de entendimento mais profundo, de conexão com as experiências que moldam o nosso estudo.

Cada método escolhido não é apenas uma ferramenta; é uma nota em uma sinfonia de conhecimento. O levantamento teórico e a pesquisa de campo se entrelaçam para criar uma narrativa rica e significativa. Na escolha meticulosa de cada instrumento, buscamos não apenas responder a perguntas, mas também aprofundar o significado por trás dos fenômenos que exploramos.

Ao discorrer sobre esses métodos, não estamos apenas descrevendo processos; estamos compartilhando uma parte do nosso comprometimento com a pesquisa. Que esta escolha metodológica não seja apenas um meio, mas uma parte intrínseca do nosso percurso, onde cada método é um passo em direção a uma compreensão mais completa e enriquecedora dos fenômenos que desejamos desvendar.

4.2.1 LEVANTAMENTO TEÓRICO

Desde o primeiro passo desta jornada de pesquisa, mergulhamos entre páginas que ecoam saberes e suscitam reflexões. Cada página virada foi uma busca constante e apaixonada por conhecimento, uma dança delicada entre as linhas que sustentam nossa compreensão. Em nossa jornada de pesquisa, encontramos na fundamentação bibliográfica mais do que um ponto de partida; descobrimos um universo de significados entrelaçados entre as linhas e páginas. Cada livro, cada autor, foi um guia, não apenas para debates acadêmicos, mas “como primeiro e decisivo passo para a realização de debates mais profundos entre universidade, escola, comunidade e poderes públicos” (ALMEIDA, 2013, p. 10).

A pesquisa não foi apenas uma caminhada; foi uma imersão constante no universo da literatura acadêmica. Cada levantamento bibliográfico foi mais do que uma tarefa; foi um diálogo ininterrupto com as mentes que pavimentaram o caminho antes de nós. Buscamos não apenas informações, mas uma conexão com os pensadores que moldaram a nossa abordagem.

Ao nos aprofundarmos nos levantamentos teóricos, entendemos que a fundamentação bibliográfica é o coração pulsante da pesquisa. Não é apenas uma formalidade, mas um ponto de partida vital para debates que ecoam em diferentes esferas da sociedade. Cada página virada é um passo em direção a debates mais profundos e significativos. Assim, a fundamentação teórica não foi um ponto de chegada; foi um processo em constante construção. Cada autor, cada teoria, contribuiu para a edificação de bases sólidas que sustentam cada aspecto da pesquisa. Foi um esforço para transcender a superfície e abraçar a riqueza que a literatura oferece.

Os levantamentos teóricos não foram apenas etapas; foram janelas para uma visão global e ampla da temática. Procuramos não apenas compreender fenômenos específicos, mas abraçar a complexidade do nosso campo de estudo. A cada nova leitura, expandimos nossos horizontes, ampliando nossa compreensão. Dessa forma, a pesquisa não foi apenas teórica; foi uma dança simbiótica entre teoria e investigação. Os levantamentos bibliográficos foram bússolas que orientaram nossos passos na construção de cada aspecto do trabalho. Cada teoria encontrada foi um fio que entrelaçamos com as descobertas da pesquisa, tecendo uma narrativa rica e significativa.

Ao refletirmos sobre essa jornada bibliográfica, não estamos apenas revisitando páginas; estamos revivendo uma parte essencial do coração pulsante da pesquisa. Que cada livro, cada artigo, seja mais do que uma fonte de informação, mas uma inspiração que permeia cada linha deste trabalho. Nesta celebração de conhecimento e diálogo, honramos não apenas os autores e teorias que nos guiaram, mas a essência viva que cada página carrega. Que este relato sobre a importância da fundamentação bibliográfica seja mais do que um reconhecimento; seja um tributo à magia que encontramos entre páginas e emoções, na construção significativa de nossa pesquisa.

4.2.2 QUESTIONÁRIO

Em nossa jornada de descobertas, o questionário foi mais do que uma ferramenta; foi um convite delicado para um diálogo por escrito. Cada pergunta, cada resposta, trouxe consigo um pedaço autêntico da realidade que buscamos compreender. Quero compartilhar a

importância desse instrumento singular, que não só coletou informações, mas também ofereceu um espaço seguro para vozes se expressarem, protegidas pelo véu do anonimato.

Com isso, trago a definição do instrumento de pesquisa – questionário – conforme as palavras de Gil (1989, p. 124): “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc”. A afirmação ressoa com a verdade: o questionário é mais do que um instrumento; é uma porta para os corações e mentes dos participantes. Nessa jornada de pesquisa, descobrimos que a construção desse artefato delicado exige não apenas habilidade técnica, mas uma compreensão profunda das nuances humanas. Quero compartilhar a importância de moldar perguntas que não só colem dados, mas também revelem as experiências e perspectivas singulares daqueles que respondem.

Mas, ainda cabe salientar aqui, que em meio ao vasto território dos questionários, encontramos trilhas diversas que se desdobram em formas únicas de interação e descoberta. São como compassos que nos guiam por diferentes nuances de compreensão, e entre eles, destacam-se o questionário aberto, fechado e semiaberto. Cada um desses caminhos tem sua própria magia, oferecendo experiências distintas tanto para quem pergunta quanto para quem responde.

Imagine o questionário aberto como janelas abertas para a subjetividade, “os participantes ficam livres para responderem com as próprias palavras, sem se limitarem a escolha entre um rol de alternativas” (CHAGAS, 2010, p. 6). Assim, cada pergunta é uma paisagem ampla, convidando os participantes a pintarem com as cores de suas próprias experiências. Aqui, a liberdade de expressão é a estrela, e as respostas são como pinceladas únicas em um quadro em constante evolução.

No universo do questionário fechado, encontramos blocos de respostas estruturadas, como peças de um quebra-cabeça organizado, assim sendo “os respondentes optarão por uma das alternativas, ou por determinado número permitido de opções” (CHAGAS, 2010, p. 7). Cada pergunta é uma direção definida, oferecendo opções pré-determinadas para os participantes escolherem. É um formato que traz clareza, eficiência e uma visão panorâmica das respostas.

Na dança do questionário semiaberto, experimentamos uma harmonia entre liberdade e estrutura. Aqui, algumas respostas são delineadas, enquanto outras ganham asas da imaginação. É como uma conversa estruturada, permitindo que as vozes dos participantes ecoem através das lacunas entre as perguntas predefinidas.

Assim sendo, cada tipo de questionário é como um fio no tecido da compreensão. O aberto, o fechado e o semiaberto formam padrões únicos, criando uma tapeçaria rica em perspectivas. A escolha entre essas formas não é apenas técnica; é uma decisão que molda o diálogo, enriquece as descobertas e, acima de tudo, valoriza a voz única de cada participante.

Cada pergunta do questionário é como uma etapa em uma jornada. Elas não apenas solicitam respostas, mas convidam os participantes a compartilhar seus pensamentos mais íntimos. A construção desse caminho requer sensibilidade para criar perguntas que transcendam o superficial, adentrando os territórios emocionais onde as verdadeiras experiências residem.

A afirmação de GIL (1989) ainda destaca a importância de critérios rigorosos na construção do questionário. Cada pergunta é uma pincelada no quadro da pesquisa, e é vital que essas pinceladas sejam nítidas e definidas. Evitar ambiguidades é como misturar cores com precisão, garantindo que as respostas sejam reflexos claros das nuances de pensamento dos participantes. Dessa forma, evitar ambiguidades é como dançar a dança da clareza. Cada pergunta deve ser uma expressão clara de intenção, guiando os participantes suavemente pelos corredores do entendimento mútuo. É uma coreografia onde a clareza de propósito se traduz em respostas autênticas e valiosas.

As perguntas bem elaboradas têm uma magia própria. Elas não apenas coletam dados, mas desvendam perspectivas únicas. É como desenterrar tesouros escondidos nas mentes dos participantes, revelando insights que transcendem as respostas padronizadas. Dessa forma, moldar perguntas é uma honra e um compromisso. É o compromisso de buscar a autenticidade nas respostas, de capturar a verdade nas palavras escritas. Cada palavra no questionário é um elo que conecta o pesquisador à riqueza de experiências daqueles que compartilham suas histórias.

Além disso, não foi apenas uma sequência de perguntas; foi uma verdadeira arte de perguntar. Cada questão, cuidadosamente elaborada, não apenas buscou respostas, mas construiu conexões entre pesquisador e respondente. Foi uma dança sutil entre inquirir e compreender, uma coreografia que revelou danças únicas de experiências pessoais.

No coração deste questionário, o roteiro de questões foi cuidadosamente construído de maneira aberta, como um jardim onde as respostas são flores que desabrocham com a luz das histórias pessoais. Cada pergunta é uma trilha, não uma restrição, convidando os participantes a explorar, refletir e expressar suas vivências de maneira autêntica.

Ao optar por um roteiro aberto, proporcionamos um direcionamento sem restrições. É como conceder a cada respondente a tela em branco para pintar suas experiências, sem linhas

pré-determinadas. Essa abertura intencional permitiu que os participantes explorassem os matizes da temática, conectando-a com seus próprios significados e experiências.

Aqui, expresso minha gratidão pelo diálogo escrito, pelo questionário que se tornou um meio de comunicação. Este é um tributo às respostas corajosas e às vozes que, por meio do anonimato oferecido pelo questionário, confiaram-nos com pedaços autênticos de suas histórias. Que este texto seja mais do que um agradecimento; seja um reconhecimento da riqueza que o questionário trouxe à nossa pesquisa.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Neste cenário ímpar da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), a Escola Sandoval Santa Cruz, em Elísio Medrado, Bahia, surge como palco das histórias que se entrelaçam e se reinventam. Os participantes desta pesquisa, adultos resilientes, lançam luz sobre os desafios e as esperanças que tecem os fios de suas vidas.

A Escola Sandoval Santa Cruz é mais do que um espaço educacional; é um ambiente que abraça a EJAI com simplicidade e compromisso. Na zona rural, onde a escola se insere, a oferta exclusiva da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) revela um compromisso especial com a inclusão e a valorização das trajetórias educacionais que muitas vezes foram interrompidas. A escola não é apenas um espaço físico; é um refúgio de aprendizado em meio à paisagem rural, conectando-se à natureza e proporcionando um ambiente acolhedor para o retorno à educação.

Composto por duas salas de aula acolhedoras, proporciona um cenário íntimo para o aprendizado, onde alunos e professores se conectam de maneira próxima e significativa. A presença de uma cozinha revela não apenas um local para preparo de alimentos, mas um espaço que nutre não só o corpo, mas também a convivência e as trocas entre a comunidade escolar.

A sala que abriga a secretaria é mais do que um centro administrativo; é o coração pulsante da escola, onde os registros se transformam em histórias e os sorrisos dos funcionários acolhem a todos que por ali passam. Dois banheiros proporcionam não apenas higiene, mas são locais de cuidado e respeito pelo bem-estar de cada indivíduo que compõe essa comunidade escolar.

A área de lavanderia não se limita a lavar roupas; é um símbolo de cuidado com o ambiente escolar, um lugar onde as energias são renovadas e os espaços mantidos com carinho. Assim, a Escola Sandoval Santa Cruz, com sua simplicidade e propósito, se destaca como um

farol na zona rural, iluminando o caminho da Educação de Jovens, Adultos e Idosos com humanidade e dedicação.

Nas raízes desta terra baiana, o Escola Sandoval Santa Cruz ergue-se como um farol de conhecimento. É aqui que as experiências, antes adormecidas, despertam para um novo capítulo na trajetória educacional desses participantes. Em Elísio Medrado, o saber não é apenas transmitido; é cultivado com afeto e respeito.

As idades dos participantes, entre 43 e 60 anos, são marcadores de tempo que revelam uma riqueza de experiências. Essas são idades que contam histórias de trabalho, casamento, filhos e, acima de tudo, de um retorno corajoso à sala de aula. Cada ruga é um capítulo, cada linha de expressão, uma narrativa única.

Dois corações que compartilham a jornada do aprendizado enquanto casados, e um que carrega a saudade da vida a dois. Viúvo, mas não solitário na busca pelo conhecimento, pois essas histórias se entrelaçam no propósito de ressignificar a vida através do estudo. Casados ou viúvo, cada um carrega consigo o peso e a leveza da experiência.

O abandono dos estudos, uma decisão muitas vezes necessária na infância, agora se transforma em uma escolha consciente. Lavradores e dona de casa, esses participantes, dedicados à lida diária, decidiram, recentemente, que o trabalho com a terra e as tarefas domésticas seriam acompanhados pelo fascínio das letras e dos números.

No tecido das famílias, surgem novos capítulos. Todos os três participantes - aqui chamados por nomes de astros - têm filhos, e enquanto alguns trilham novos caminhos, após o término dos estudos, outros ainda têm a juventude como aliada nos bancos escolares. Uma herança de saber se desenha, uma narrativa de aprendizado transmitida de geração em geração.

Sob o sol da Bahia, dois lavradores e uma dedicada dona de casa labutam na terra e na casa, mas agora também na sala de aula. Suas mãos ágeis, que conhecem o plantio e o cuidado com o lar, agora dançam sobre cadernos e livros, colhendo o fruto do saber.

No entorno familiar, a sombra do analfabetismo não se dissipa. Familiares que nunca foram alfabetizados são o reflexo de uma lacuna que esses participantes decidiram enfrentar. A luta contra a falta de letramento ganha mais vozes e, por meio do estudo, apontam para um futuro diferente.

Assim, os retratos desses participantes, capturados com sensibilidade, revelam que a pesquisa vai além de números e gráficos; ela é uma ode às vidas que se entrelaçam no corredor da EJAI. Esses adultos, donos de histórias extraordinárias, traçam um novo começo nas páginas do saber, com Elísio Medrado como palco e a Escola Sandoval Santa Cruz como testemunha desse renascimento educacional.

4.4 PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

Ao trilhar os caminhos desta pesquisa, cada passo foi marcado pela eficácia dos instrumentos utilizados e pela sensibilidade das abordagens adotadas. Esta jornada revelou-se rica e fundamentada, oferecendo uma visão ampla e detalhada da temática explorada. Como dançarinos em um palco, os instrumentos metodológicos desta pesquisa executaram uma coreografia precisa. A escolha criteriosa de cada ferramenta foi como a seleção de movimentos em uma dança, contribuindo para a harmonia e fluidez do processo. Cada instrumento desempenhou seu papel, ampliando nossa compreensão da temática em questão.

Após a coleta meticulosa dos dados, a pesquisa transformou-se em uma sinfonia de análises e interpretações. Cada nota de informação foi cuidadosamente entrelaçada, criando uma melodia rica em significado. As análises e interpretações não foram apenas uma etapa técnica, mas uma expressão artística que deu vida aos dados coletados, tornando-os compreensíveis e valiosos. Nessa jornada, não nos limitamos aos números; buscamos a essência por trás de cada dado. A pesquisa tornou-se uma busca por significado, um olhar atento para além das superfícies quantificáveis. As análises não foram apenas matemáticas, mas também uma exploração sensível das histórias que os dados contavam, capturando a riqueza das experiências estudadas.

Assim, navegamos pelos mares profundos da análise de dados, onde cada onda carrega consigo a riqueza dos significados. Em nossa jornada, ancoramos nossos estudos em critérios específicos, forjando uma compreensão genuína de cada elemento imerso nesse vasto oceano de conhecimento. Ao trilhar os caminhos da pesquisa, escolhemos a análise de conteúdo como bússola, guiando-nos pela certeza de que, ao decifrar as entrelinhas, encontraríamos a verdadeira essência dos aspectos investigados. Nesse contexto, a análise de conteúdo torna-se não apenas um método, mas uma alquimia que transforma dados em compreensão profunda.

De acordo com, Mozzato e Grzybovski (2011, p. 732) “a importância da análise de conteúdo para os estudos organizacionais é cada vez maior e tem evoluído em virtude da preocupação com o rigor científico e a profundidade das pesquisas”, assim, percebemos que sua importância crescente reflete não apenas uma evolução, mas um compromisso com o rigor científico e a profundidade nas investigações. A análise de conteúdo, longe de ser estática, é um campo em constante evolução. Sua importância cresce, não por acaso, mas como resposta à necessidade de explorar os matizes mais profundos das narrativas organizacionais. Cada palavra, cada silêncio, torna-se um portal para compreender a complexidade dos contextos estudados.

No emaranhado de questionamentos que compõem esta pesquisa, a construção do roteiro de perguntas emerge como uma jornada cuidadosa e carregada de significado. Cada palavra, cada curva desse caminho, foi meticulosamente desenhada para desvelar as histórias entrelaçadas dos entrevistados. Os três eixos, como faróis a guiar nossa navegação, foram erguidos para abraçar a complexidade da experiência humana na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). O primeiro, uma introdução à identidade singular de cada entrevistado, tece as primeiras linhas de um retrato pessoal. Quem são esses indivíduos que trilham os corredores da EJAI?

No segundo eixo, exploramos as encruzilhadas do percurso educacional. Aqui, as dificuldades revelam-se como pedras no caminho, mas também como marcos que moldam a jornada de aprendizado. Cada desafio enfrentado pelos sujeitos é um capítulo que merece ser compreendido, respeitado e, acima de tudo, partilhado. O terceiro eixo, como estrelas-guia no céu noturno, ilumina as expectativas dos entrevistados com a permanência na EJAI. Aqui, os sonhos ganham forma, colorindo o horizonte da educação. Com que esperanças esses sujeitos abraçam cada dia de aprendizado? Quais são os horizontes que almejam alcançar?

O roteiro completo, fiel aos três eixos, repousa nos apêndices (apêndice I) desta monografia, como um mapa que convida a explorar os territórios das narrativas humanas. Cada pergunta é uma ponte para compreensão profunda, uma semente plantada para colher os frutos de uma pesquisa verdadeiramente conectada com a essência de seus participantes.

Por fim, na jornada de desvendar as nuances de uma pesquisa, é essencial considerar não apenas os dados brutos, mas também as histórias por trás de cada participante. Nessa sinfonia de descobertas, a preservação das identidades emerge como uma nota crucial. Assim, ao adentrar o universo das análises, cada estudante se torna um protagonista, compartilhando suas experiências, suas perspectivas e, acima de tudo, sua humanidade. Contudo, para proteger essas narrativas pessoais, optamos por tecer uma camada de anonimato, substituindo nomes reais por escolhas cósmicas: os planetas do sistema solar.

Assim, Mercúrio, Saturno e Júpiter e os demais planetas se tornam guardiões simbólicos das histórias reveladas. Essa metáfora cósmica não apenas protege as identidades, mas também celebra a diversidade única de cada participante, refletindo o vasto espectro de vozes presentes na pesquisa. Cada fala, capturada nos intrincados questionários, representa uma página de uma narrativa anônima e pessoal. Os estudantes, ao expressarem suas visões e experiências, moldam um mosaico de vozes que ecoam nas entrelinhas deste trabalho. Um lembrete constante: por trás de cada resposta, há um ser humano com uma história a compartilhar.

A transparência é a bússola que orienta nossa jornada. Em todos os momentos, quando as palavras dos estudantes dançam nas páginas, a promessa é mantida. Detalhes sobre a adoção de nomes fictícios e a origem das falas são evidenciados, garantindo que a honestidade e a ética estejam sempre presentes. Assim, nesta abordagem humanizada, cada estudante se torna uma estrela em nosso cosmos de pesquisa. Suas vozes, mesmo disfarçadas como planetas distantes, brilham com a autenticidade de suas experiências. Que essa pesquisa seja não apenas um mergulho nos dados, mas uma celebração das ricas narrativas que tornam cada participante único e significativo.

5. NARRATIVAS DOS ESTUDANTES DA EJAI E SUAS LUTAS PARA A GARANTIA DO DIREITO À ESCOLARIZAÇÃO

Na tessitura da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), encontramos uma nobre missão: resgatar trajetórias interrompidas e oferecer uma nova chance aos que, por motivos diversos, tiveram que se afastar dos bancos escolares. A EJAI não é apenas uma modalidade de ensino; é um convite para uma segunda oportunidade, um retorno às salas de aula impregnado de significado e esperança.

Seus objetivos transcenderam as barreiras do tempo convencional da escolarização, abrindo as portas para aqueles que, por circunstâncias diversas, viram-se obrigados a abandonar os caminhos do aprendizado precocemente. É o resgate do papel de aluno, uma reinserção na comunidade educacional não como observador passivo, mas como um cidadão ativo e participativo.

Na EJAI, cada aluno é uma história viva de superação, de batalhas enfrentadas e, agora, de oportunidades agarradas com determinação. É o retorno do direito à educação, um direito que, por algum motivo, foi adiado, mas que se revela mais urgente e vital do que nunca. Aqui, a sala de aula não é apenas um espaço físico; é um palco de transformação, onde conhecimentos se entrelaçam com experiências, moldando uma nova narrativa.

Assim, na trama singular da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), não estamos apenas diante de uma proposta pedagógica; estamos imersos em uma experiência transformadora que transcende as barreiras acadêmicas. A EJAI é mais do que um simples resgate do tempo perdido; é a tessitura de laços profundos de pertencimento e empoderamento. Dessa forma, cada indivíduo que decide retornar aos bancos escolares não está apenas preenchendo lacunas deixadas pelo tempo. Está, na verdade, engajando-se em uma jornada íntima de redescoberta e redefinição de seu papel na sociedade. A EJAI é o catalisador que permite que cada aluno se torne um agente ativo na construção do conhecimento e, por extensão, um transformador do seu entorno.

No coração da EJAI, encontramos histórias de coragem, resiliência e superação. São relatos de vidas que decidiram desafiar as expectativas e romper com as limitações impostas pelo tempo e pelas circunstâncias. Ao retornarem à escola, esses aprendizes não apenas adquirem conhecimentos formais; eles se empoderam, reivindicando seu lugar na sociedade e sua voz no diálogo educacional.

Além disso, a sala de aula na EJAI não é apenas um espaço físico; é um terreno fértil para o cultivo de sonhos adormecidos. É um lugar onde a sabedoria acumulada ao longo dos

anos se entrelaça com o entusiasmo renovado pela busca do saber. A interação entre jovens, adultos e idosos na EJAI cria uma sinergia única, onde as diferentes fases da vida se encontram, enriquecem-se mutuamente e celebram o poder contínuo da aprendizagem.

Ao optar por participar ativamente da EJAI, cada indivíduo não apenas preenche um vácuo educacional, mas também se posiciona como um elo essencial na cadeia de aprendizado. A EJAI, com sua abordagem inclusiva e humanizada, não apenas corrige defasagens educacionais; ela tece uma rede de conexões que fortalecem a comunidade como um todo. Assim, a EJAI vai além de suas funções educativas convencionais. Ela é um catalisador de transformação social, um agente que, por meio da educação, empodera os sujeitos a serem protagonistas de suas vidas e agentes de mudança em suas comunidades. Cada passo dado na EJAI é mais do que uma jornada educacional; é um compromisso com a construção de um presente e um futuro repletos de aprendizado e possibilidades.

5.1 NARRATIVAS DOS ESTUDANTES DA EJAI E OS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA A GARANTIA DA ESCOLARIZAÇÃO

Nas páginas das narrativas dos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), desvelam-se histórias marcadas pela coragem e pela resiliência. Cada relato é uma janela para as trajetórias singulares, entrelaçadas por desafios e superações que permeiam a busca pelo conhecimento tardio. Ao adentrarmos esses relatos, deparamo-nos com estudantes que, mesmo diante das complexidades da vida, decidiram retomar seus caminhos educacionais. As histórias entrelaçam-se com as dificuldades enfrentadas, muitas vezes, na juventude, quando as circunstâncias os forçaram a interromper os estudos. Entretanto, agora, na EJAI, encontram-se diante da oportunidade de reiniciar esse percurso.

Os desafios não são apenas acadêmicos, mas também revelam aspectos profundos da condição humana. Os estudantes compartilham as inseguranças ao enfrentar o retorno à sala de aula, as barreiras impostas pelo tempo e a necessidade de conciliar estudos com responsabilidades cotidianas. Cada palavra é carregada de emoção, ressaltando a importância da EJAI como uma ponte para a realização de sonhos adormecidos.

Os relatos não são apenas testemunhos de trajetórias individuais, mas um coletivo de vozes que ecoam a determinação em superar adversidades. Os estudantes não apenas buscam a escolarização; buscam a reinvenção de suas vidas, a conquista de uma cidadania plena, e a realização pessoal que o conhecimento proporciona. Assim sendo, as narrativas, permeadas por desafios e superações, não apenas destacam as dificuldades enfrentadas, mas também revelam

a força interior que impulsiona esses estudantes a perseverar. A EJAI torna-se não apenas um espaço educacional, mas um refúgio de esperança, onde as histórias individuais se entrelaçam, formando uma tapeçaria rica em experiências e aprendizados.

Nessa perspectiva, quando os protagonistas responderam a primeira questão, sobre como enxergam e destacam a experiência de retornar à escola na fase adulta, Mercúrio disse que: “*tem sido uma experiência maravilhosa*” (MERCÚRIO, QUESTIONÁRIO, 2022). Assim, nas palavras de Mercúrio, encontramos o eco de uma experiência que vai além do aprendizado acadêmico; é uma jornada maravilhosa de autodescoberta e superação. O retorno à escola na fase adulta não é apenas um ato de buscar conhecimento, mas uma vivência que se revela rica em desafios e conquistas pessoais. E quando observamos a fala de Saturno, o qual diz que “*está sendo muito bom no meu aprendizado*” (SATURNO, QUESTIONÁRIO, 2022), percebemos que a sua trajetória na escola, mesmo sendo uma empreitada tardia, revela-se repleta de realizações, provando que o caminho da educação é sempre enriquecedor, independentemente da idade.

Logo, essas vozes singulares nos proporcionam uma visão íntima das experiências vividas por Mercúrio e Saturno ao retornarem à escola. Cada uma dessas narrativas revela não apenas o valor do conhecimento adquirido, mas a transformação interna que ocorre quando se decide buscar a educação mesmo em fases mais maduras da vida. Essas falas são mais do que meras respostas; são testemunhos de coragem, determinação e amor pelo processo de aprendizagem. Levando em consideração a fala dos nossos protagonistas, trazemos as sábias palavras das autoras Albuquerque e Souza (2013, p. 54), quando destacam que:

[...] percebemos que a Educação, e neste caso, a referida modalidade, é importante para a mudança que estes sujeitos tanto almejam, pois mesmo com todas as dificuldades, eles enxergam na educação o início e uma possibilidade de superação e realização, independente dos seus desejos, desde conseguir ingressar na universidade, obter um melhor emprego, uma habilitação de motorista ou simplesmente se alfabetizar (ALBUQUERQUE; SOUZA, 2013, p. 54)

A reflexão acima ressalta a importância da Educação de Jovens, Adultos e Idosos como um catalisador de mudanças desejadas por esses sujeitos. Mesmo diante de obstáculos, eles vislumbram na educação o ponto de partida para superação e realização pessoal. Seja almejando a entrada na universidade, conquistando melhores oportunidades de emprego, obtendo a habilitação de motorista ou, simplesmente, dominando a arte da alfabetização, a educação torna-se um caminho significativo para concretizar seus anseios e transformar suas vidas. Essa percepção destaca a força e a esperança que a educação proporciona, transcendendo barreiras e alimentando sonhos de autossuperação e crescimento.

Dando continuidade, ao indagar sobre eventuais dificuldades em frequentar a escola, as respostas afirmativas de Saturno, Júpiter e Mercúrio foram um claro testemunho de suas habilidades em conciliar as demandas cotidianas com os estudos na EJAI. O "não" (QUESTIONÁRIO, 2022), desses protagonistas transcende a mera negação; é um relato de superação e resiliência. Suas palavras refletem uma capacidade extraordinária de equilibrar responsabilidades diárias com o compromisso assumido de buscar conhecimento na escola. Nessa simplicidade de um "não", encontramos a força e a determinação de quem, mesmo diante das adversidades, persiste na jornada educacional. Essa harmonia entre vida e estudo ilustra não apenas a eficiência prática, mas também a dedicação emocional desses estudantes em busca de um futuro educacional mais sólido.

Ao responderem à questão sobre como enfrentam e superam as dificuldades para permanecer na escola, as respostas de Mercúrio, Júpiter e Saturno revelam uma notável resiliência e determinação. Mercúrio, com sua resposta reflexiva, compartilha um valioso insight ao mencionar que "*penso no que posso aprender*" (QUESTIONÁRIO, 2022). Essa abordagem revela uma mentalidade voltada para o crescimento e uma visão otimista diante dos desafios.

Por outro lado, a resposta assertiva de Júpiter, afirmando que "*não tem dificuldade*" (QUESTIONÁRIO, 2022), reflete uma postura de confiança e autoconfiança diante das adversidades. Essa atitude positiva pode ser um pilar essencial para enfrentar os obstáculos, demonstrando uma forte resolução em sua jornada educacional. E Saturno, ao afirmar que "*não tem dificuldade*" (QUESTIONÁRIO, 2022), compartilha uma perspectiva similar à de Júpiter, indicando que, apesar das circunstâncias desafiadoras, ele se mantém firme em sua determinação de não permitir que as dificuldades o impeçam de avançar.

As respostas desses participantes não são apenas palavras; são testemunhos de coragem, autoestima e perseverança. Em suas experiências, encontramos lições valiosas sobre como enfrentar as adversidades com uma mentalidade positiva, focando no aprendizado e mantendo a convicção de que a educação é uma ferramenta transformadora em suas vidas. Esses relatos inspiradores ilustram a força interior que impulsiona esses estudantes a seguir adiante, mesmo quando o caminho parece desafiador.

Diante das experiências compartilhadas pelos protagonistas da pesquisa, que afirmaram não enfrentar dificuldades para permanecer na escola e destacaram a importância de pensar no que poderiam aprender antes de desistir, somos remetidos ao que está preconizado em Brasil (2014):

Institucionalizar programa nacional de assistência ao estudante, compreendendo ações de assistência social, financeira e de apoio psicopedagógico que contribuam para garantir o acesso, a permanência, a aprendizagem e a conclusão com êxito da Educação de jovens e adultos articulada à Educação profissional. (BRASIL, 2014 *in* MOREIRA, 2014, p. 29).

Brasil (2014) ressalta a importância vital de institucionalizar um programa nacional de assistência ao estudante na Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando a perspectiva valiosa da permanência desses aprendizes. Ela destaca a necessidade de ações abrangentes, incluindo assistência social, financeira e apoio psicopedagógico, para não apenas facilitar o acesso, mas também garantir a permanência, a aprendizagem significativa e a conclusão bem-sucedida dessa modalidade educacional.

A assistência social emerge como um pilar fundamental nesse processo, proporcionando suporte emocional e financeiro necessário para superar desafios socioeconômicos que frequentemente impedem a permanência na escola. Reconhece-se que as barreiras não se limitam apenas ao âmbito acadêmico, mas também envolvem aspectos emocionais e financeiros que afetam diretamente a jornada educacional dos estudantes da EJA.

A dimensão financeira do programa de assistência visa mitigar as dificuldades econômicas que podem se tornar obstáculos à permanência escolar. Ao assegurar recursos adequados, o programa contribui para criar um ambiente propício ao aprendizado, onde os estudantes podem concentrar-se em suas jornadas educacionais sem preocupações excessivas sobre suas condições financeiras.

Além disso, a ênfase no apoio psicopedagógico destaca a necessidade de uma abordagem holística, reconhecendo que o desenvolvimento educacional envolve aspectos cognitivos e emocionais. O suporte psicológico e pedagógico busca criar uma atmosfera educacional inclusiva, onde os estudantes se sintam motivados, apoiados e capazes de superar desafios, promovendo, assim, a sua permanência e conclusão com êxito.

Ao articular essa assistência à Educação Profissional, a citação destaca uma abordagem integrada que prepara os estudantes para os desafios do mundo profissional, garantindo que a aprendizagem na EJA esteja alinhada com suas aspirações de carreira. Dessa maneira, a institucionalização desse programa reflete um compromisso humanizado e ético, contribuindo significativamente para a promoção da permanência na Educação de Jovens e Adultos.

Ao compreendermos essas narrativas, somos convidados a refletir não apenas sobre a importância da escolarização na vida desses estudantes, mas também sobre a necessidade de uma educação que acolhe, respeita e reconhece a singularidade de cada trajetória. As vozes dos

estudantes da EJAI são mais do que relatos; são testemunhos vivos de resiliência, determinação e, acima de tudo, da capacidade transformadora da educação quando oferecida com empatia e humanidade e respeito.

Concluir este tópico é reconhecer que, por trás de cada resposta, há uma história única de perseverança, transformação e a busca incansável pelo conhecimento. Que esses relatos ecoem não apenas como parte deste estudo, mas como vidas que desafiam as adversidades em prol do aprendizado contínuo que é um direito de todos e de todas.

5.2 OS ESTUDANTES DA EJAI E AS EXPECTATIVAS COM A PERMANÊNCIA

Em meio às salas de aula repletas de sonhos e desafios, encontramos os corações esperançosos dos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). Cada passo, cada esforço dedicado, é uma jornada singular de superação e aprendizado, marcada pela resiliência que caracteriza aqueles que decidiram retomar o caminho dos estudos.

Ao ingressar na EJAI, esses estudantes embarcam em uma busca pela transformação pessoal e profissional, trazendo consigo bagagens ricas em experiências de vida. São mães que desejam proporcionar um futuro mais promissor para seus filhos, trabalhadores incansáveis que vislumbram novas oportunidades, e indivíduos que, mesmo após tantos desafios, mantêm viva a chama do conhecimento.

As expectativas permeiam o cotidiano desses aprendizes, como fios de esperança entrelaçados em cada aula e atividade. A EJAI não é apenas uma sala de aula; é um espaço de acolhimento, um refúgio de aprendizado onde a sede de conhecimento é alimentada pelo compartilhamento de experiências e pela mediação problematizadora dos educadores.

A permanência na EJAI transcende o simples ato de frequentar a escola. É um compromisso consigo mesmo, um pacto firmado entre a vontade de aprender e a coragem de enfrentar desafios. Cada obstáculo superado é uma vitória conquistada, e cada conquista é celebrada coletivamente, fortalecendo os laços de uma comunidade que se apoia mutuamente.

Cabe ressaltar também que o olhar atento dos educadores da EJAI é como um farol que ilumina o caminho desses estudantes, guiando-os na jornada do saber. A relação entre professores e alunos vai além do ensino formal; é um laço humano, onde a compreensão e o respeito são a base para a construção de futuros brilhantes.

Em meio às salas de aula repletas de esperança, os estudantes da EJAI constroem não apenas conhecimento acadêmico, mas também um alicerce sólido para a construção de seus

destinos. Cada livro aberto, cada desafio vencido, é um passo firme em direção a um horizonte onde as oportunidades se multiplicam.

Mediante a tudo isto que foi salientado acima, iniciamos com a primeira pergunta do último eixo do questionário. Ao indagarmos os participantes desta pesquisa sobre a ausência de oportunidades de estudo durante a infância e adolescência, encontramos relatos que ecoam experiências marcantes, ressonâncias profundas que moldaram suas vidas de maneiras inesperadas. Cada resposta são testemunhos de vidas que carregam as cicatrizes do não estudar na juventude. Assim, nas linhas delicadas das respostas dos participantes desta pesquisa, ecoam as vozes profundas de Saturno e Mercúrio, dois astros que traçaram órbitas distintas em meio à ausência de oportunidades de estudo na infância e adolescência. Cada palavra ressoa com uma sinceridade tocante, revelando as nuances das experiências que, de certa forma, moldaram o curso de suas vidas.

Saturno, com a melancolia de quem vislumbra um horizonte que se afastou, afirma sem hesitar que “*sim*”, a falta de oportunidade de estudar na juventude trouxe prejuízos inegáveis. “*Poderia ter nova oportunidade*” (QUESTIONÁRIO, 2022), murmura, como se o tempo se desdobrasse diante de seus olhos, carregando consigo as oportunidades que jamais se materializaram.

Em contraste, Mercúrio, o mensageiro ágil do cosmos, desvela sua perspectiva com um toque de amargura. “*Sim, porque perdi muito tempo sem aprender*” (QUESTIONÁRIO, 2022), confessa, revelando a ferida da temporalidade perdida, onde cada momento não vivido na sala de aula é uma página em branco que permaneceu intocada. Um direito constitucional que foi negado, roubado desses homens e mulheres e que jamais será resgatado.

Cada uma dessas respostas são fragmentos de vidas que carregam consigo as marcas da ausência de educação na juventude. Saturno e Mercúrio personificam os sentimentos complexos que permeiam essas experiências, desde a esperança perdida até o peso do tempo desperdiçado. E assim, destaco a reflexão de Silva, Ferreira e Ferreira (2017, p. 4) quando falam com um olhar singular que:

[...] os alunos que cursam a Educação de Jovens e Adultos costumam fazê-lo por motivos variados, como por exemplo, para aprender a ler e escrever; para não ficarem sozinhos em casa (normalmente os idosos); para acompanhar algum filho ou neto; para conversar; lanchar/jantar; por acreditarem que futuramente podem conseguir um emprego melhor através da educação; ou mesmo pela socialização que acontece no ambiente escolar (SILVA; FERREIRA; FERREIRA, 2017, p. 4)

Levando em consideração a reflexão acima e as falas de Saturno e Mercúrio, percebemos que o vasto universo das salas de aula, há uma jornada singular trilhada por corações resilientes, por indivíduos que desafiam as barreiras do tempo e se aventuram na Educação de Jovens e Adultos, com motivações tão diversas quanto as estrelas no céu noturno. Entre os alicerces dessa jornada, encontramos aqueles que anseiam desvendar os segredos das letras e palavras, como desbravadores de mundos desconhecidos, na busca essencial pelo aprendizado da leitura e escrita. É o resgate de uma habilidade tão fundamental, capaz de abrir portas para histórias não contadas e sonhos adormecidos.

E assim, mergulhados na narrativa, ouvimos a confissão de Mercúrio, que lamenta o tempo perdido sem aprender, uma sinfonia de oportunidades desperdiçadas. E, no entanto, ambos são testemunhas de que nunca é tarde para recomeçar, para reinventar o futuro, para transformar o arrependimento em combustível para uma jornada mais rica e plena.

Assim, na Educação de Jovens Adultos e Idosos, as histórias se entrelaçam como constelações, onde cada estrela brilha com uma luz única e significativa. É a celebração da resiliência, do aprendizado que transcende o tempo e do entendimento de que, independentemente do ponto de partida, a educação é uma jornada que continua a desenhar seus caminhos nas páginas em branco de nossas vidas.

Que estas vozes, tão humanas em sua essência cósmica, inspirem uma reflexão coletiva sobre a importância vital e o direito de garantir a todos o acesso irrestrito à educação. Pois, ao fazê-lo, não apenas mitigamos, de algum modo, os prejuízos do passado, mas também tecemos um futuro onde cada indivíduo terá a oportunidade de brilhar como uma estrela única no vasto cosmos da existência.

Dando continuidade, nas respostas dos participantes desta pesquisa, as vozes de Mercúrio, Saturno e Júpiter ressoam como constelações de expectativas, cada uma carregando consigo um brilho singular de anseios humanos. Ao indagar sobre o que esperam conquistar após concluir seus estudos na EJAI, suas palavras revelam não apenas objetivos acadêmicos, mas sonhos profundos entrelaçados com o tecido de suas vidas. Mercúrio, ágil como o mensageiro dos deuses, expressa sua busca contínua por conhecimento. "*Mais conhecimento*" (QUESTIONÁRIO, 2022), ele afirma, revelando uma fome insaciável por aprendizado. Sua resposta é uma dança delicada entre a curiosidade e a sede de compreensão, encapsulando a essência da jornada educacional como uma exploração perpétua.

Saturno, por sua vez, fala com a solenidade de quem enfrentou as vicissitudes do tempo. "*Será uma grande vitória na minha vida, um sonho que não pude realizar quando estava jovem*" (QUESTIONÁRIO, 2022). Suas palavras carregam consigo a ressonância de uma jornada

adiada, uma vitória que transcende as barreiras do passado e se torna um farol de realização presente.

Júpiter, majestoso em suas aspirações, compartilha sua expectativa de maneira simples e direta. "*Pegar meu diploma*" (QUESTIONÁRIO, 2022), ele diz, com a determinação de quem vislumbra um símbolo tangível de conquista. Seu anseio é como um troféu a ser erguido, não apenas representando o término de uma etapa, mas também o início de novos horizontes. Nesse sentido, "concluir os estudos para esses alunos significa mais que um diploma nas mãos, significa a realização de uma expectativa de anos de lutas, por dias melhores, oportunidade de trabalho, de inclusão social, de aceitação e respeito" (ARAÚJO, 2017, p. 33).

Para esses guerreiros da aprendizagem tardia, o diploma é mais que um pedaço de papel decorado; é a materialização de sonhos acalentados durante noites de estudo árduo, onde cada página virada representava um passo mais próximo da vitória pessoal. É o selo de uma luta persistente, um testemunho da resiliência que flui em suas veias. Ao erguerem o diploma, esses estudantes não apenas abraçam a oportunidade de trabalho, mas desvelam a promessa de um horizonte mais promissor. É a chave que destranca portas até então fechadas, oferecendo-lhes a chance de participar ativamente da construção de seus próprios destinos, uma oportunidade que vai além da sala de aula.

Assim, a conclusão dos estudos representa um ato de inclusão social. É a afirmação de que todos têm o direito à educação, independentemente da idade, e que a busca pelo saber não é limitada por cronogramas pré-determinados. É uma ode à diversidade de histórias, onde cada capítulo escrito na jornada educacional contribui para o mosaico vibrante da experiência humana. Na essência dessa conquista palpável, palpita o sentimento de uma comunidade que se forma em torno desses estudantes. São professores que acreditaram, colegas que compartilharam desafios e triunfos, e famílias que apoiaram cada passo. A conclusão dos estudos é a celebração coletiva de uma jornada que transcende os limites individuais, fortalecendo os laços que unem cada alma educadora.

Ao contemplarmos essas respostas, somos lembrados de que por trás de cada participante há uma narrativa única, um conjunto de circunstâncias que moldou seus sonhos e ambições. A busca por mais conhecimento, a realização de sonhos adiados e a conquista do diploma são os fios que tecem o tapete colorido de suas vidas.

E por fim, ao responder sobre a contribuição da EJAI para a melhoria de suas vidas, suas respostas revelam uma tapeçaria emocional onde a educação se torna o fio condutor de transformações profundas. Mercúrio, com a destreza de quem anseia por redenção, afirma com convicção: "*Sim, é uma nova chance de recuperar o que foi me negado no passado*"

(QUESTIONÁRIO, 2022). Suas palavras ressoam com a determinação de quem vê na EJAI não apenas uma escola, mas uma oportunidade de resgatar sonhos que outrora pareciam distantes.

Júpiter, em sua simplicidade, destaca a importância fundamental do aprendizado: "*Porque é muito importante, aprendemos para nos formar*" (QUESTIONÁRIO, 2022). Seu testemunho revela a crença na educação como alicerce para a formação não apenas acadêmica, mas como um meio de moldar a própria essência e crescer como indivíduo, sendo que "as expectativas deles são de obter um maior conhecimento para poder melhorar de função ou remuneração em seus empregos, como também em viver com mais dignidade e autonomia" (ARAÚJO, 2017, p. 34). Nesse sentido, podemos entender que a educação, para eles, está para além da mera transmissão de conhecimento; é um abraço caloroso que acolhe suas aspirações, é uma luz que ilumina o caminho para um futuro mais bonito. As expectativas se transformam em sonhos realizados, como pétalas desabrochando em um jardim de possibilidades.

Saturno, com a seriedade de quem reconhece o valor intrínseco das oportunidades, declara confiantemente: "*Sim, vai me trazer muitas oportunidades*" (QUESTIONÁRIO, 2022). Suas palavras são como um hino à multiplicidade de portas que se abrem quando se investe na própria educação, construindo pontes para futuros até então inexplorados. Levando em consideração a fala de Saturno, estendemos que, "em sua grande maioria os alunos sentem a importância da educação em suas vidas, seja para ter uma profissão melhor, ou de querer a independência nas mínimas coisas, ou por qualquer outro motivo" (ARAÚJO, 2017, p. 27). Assim, cada passo dado é uma promessa de um amanhã mais promissor, onde o saber é a ferramenta que esculpe um destino mais grandioso e significativo.

Ao refletirmos sobre essas vozes, somos recordados da profunda influência que a educação pode ter na construção de destinos. A EJAI, para esses participantes, é como um solo fértil onde sementes de aprendizado germinam, transformando-se em flores de autoconhecimento e oportunidades abundantes. Nos corredores da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, as expectativas são como sementes plantadas, nutridas pela esperança e regadas pelo desejo de um amanhã mais radiante. Para esses alunos, cada livro aberto, cada aula frequentada é um passo em direção a um horizonte de maior conhecimento, uma busca que transcende os limites da idade.

Que a jornada de Mercúrio, Júpiter e Saturno inspire uma reflexão coletiva sobre o poder transformador da educação. Que a EJAI não seja apenas uma etapa acadêmica, mas uma trilha luminosa na qual cada participante encontre não apenas conhecimento, mas uma chance de reconstruir, crescer e colher os frutos de uma vida enriquecida pela aprendizagem constante.

Assim, a EJAI não é apenas um ponto de chegada; é uma trajetória de descobertas, um processo contínuo de crescimento e renovação. Os estudantes, ao trilharem esse caminho, não apenas buscam diplomas, mas cultivam valores, constroem sonhos e reafirmam a capacidade humana de reinventar-se.

Nos relatos dos participantes da pesquisa na EJAI, as vozes de Mercúrio, Saturno e Júpiter se entrelaçam, pintando um quadro de esperança e autenticidade. Cada resposta é um testemunho humano, revelando anseios profundos e a busca por oportunidades perdidas. A EJAI não é apenas uma escola, mas um refúgio de aprendizado e transformação. Mercúrio busca redenção, vendo na educação uma chance de recuperar o que foi negado no passado. Júpiter destaca a importância do aprendizado para a formação integral. Saturno, reconhecendo o valor das oportunidades, vislumbra um horizonte vasto de possibilidades. Em cada voz, ecoa a convicção de que a educação é uma jornada de renascimento, moldando destinos e inspirando a busca constante pelo conhecimento.

Que a permanência na EJAI seja marcada não apenas por aulas e avaliações, mas por sorrisos compartilhados, por vitórias conquistadas em conjunto e por um profundo sentimento de realização pessoal. Que cada estudante encontre na EJAI não apenas uma escola, mas um lar de aprendizado e crescimento, onde o conhecimento se entrelaça com as experiências de vida, dando forma a um futuro repleto de possibilidades.

6. NOTAS CONCLUSIVAS

Ao longo desta pesquisa, mergulhamos nas intrincadas camadas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, traçando um percurso que vai desde as páginas da história até os dias atuais. Nesse trajeto, emergiram não apenas registros de negligência e negação, mas também narrativas de lutas intensas travadas pela classe popular brasileira, culminando na conquista de direitos e, sobretudo, na garantia da permanência desses sujeitos na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

Durante nossas incursões pelo passado, destacamos o papel crucial dos professores, verdadeiros arquitetos do ambiente educacional. Eles não apenas compartilham conhecimento, mas se tornam guias, mentores e aliados dos estudantes da EJAI. A metodologia adotada e o currículo escolar emergem como ferramentas imprescindíveis, dando novos contornos a experiência educacional de forma a proporcionar uma atmosfera acolhedora e motivadora.

A trajetória histórica da EJA no Brasil é marcada por desafios superados e conquistas árduas. Os sujeitos desse processo não são meros protagonistas; são heróis de uma jornada educacional que testemunhou a resistência diante das adversidades. A permanência dos estudantes na EJAI é mais do que um ato de frequentar a escola; é um testemunho de resiliência e determinação, um compromisso que transcende o presente e lança raízes sólidas para um futuro educacional mais inclusivo.

No decorrer do texto buscamos também mostrar que os sujeitos estudantes que buscam na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) novas perspectivas de vida são muito mais do que simples alunos. São homens e mulheres que carregam em seus ombros as experiências da vida, trabalhadores/as empregados/as e desempregados/as, ou ainda aqueles em busca do primeiro emprego. São filhos, pais e mães, representando uma diversidade de papéis na sociedade.

Residentes urbanos de periferias ou moradores rurais, esses sujeitos enfrentam desafios cotidianos. São indivíduos social e culturalmente marginalizados, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais produzidos historicamente pela humanidade, o que compromete uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Muitos vivem em um mundo urbanizado, industrializado e burocratizado, frequentemente desempenhando ocupações não qualificadas.

A trajetória desses sujeitos é marcada por exclusões e interrupções na vida escolar. Alguns nunca frequentaram a escola, sendo forçados a entrar precocemente no mercado de trabalho. Outros tiveram que se afastar da escola na infância, enfrentando as adversidades da

vida. A Educação de Jovens, Adultos e Idosos surge como uma oportunidade de resgate, um caminho para reconstruir a trajetória educacional, possibilitando a esses sujeitos uma participação mais plena na sociedade e a conquista de novas perspectivas de vida.

Pensando em tudo o que foi mencionado acima e ao contemplar o título desta monografia, desvendamos um intrincado panorama que encapsula as trajetórias e estratégias entrelaçadas no tecido da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). É uma reflexão que transcende o mero olhar acadêmico, pois mergulha nas experiências, lutas e conquistas que possibilitaram novos caminhos daqueles que escolheram a EJA como trampolim para seus sonhos educacionais.

As "trajetórias de negação" lançam luz sobre o contexto sócio-histórico-cultural que por muito tempo relegou a EJAI a um segundo plano, como se a educação fosse um privilégio destinado apenas aos mais jovens. Esta negação reflete não apenas uma ausência de oportunidades, mas uma barreira social que marginalizou a busca pelo conhecimento por parte daqueles que, por diversas razões, tiveram que adiar sua jornada educacional.

Por outro lado, as "estratégias para garantir um direito" destacam um cenário de resistência e luta. A EJAI emerge como uma resposta, um espaço onde a classe popular brasileira reivindica seu direito à educação, rompendo com estigmas e superando obstáculos. As estratégias delineiam uma narrativa de perseverança, onde cada passo dado em direção à sala de aula é uma declaração de autonomia e desejo por uma vida mais plena.

A compreensão de que a educação é um direito universal, consagrado por lei, transcende a mera formalidade legal. A trajetória da educação no Brasil, como delineada ao longo deste texto, revela-se como um fio condutor que perpassa séculos de história e sociedade. A Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA), presente desde os primórdios da colonização, é testemunha viva desse contínuo processo educacional que moldou e remoldou a face da nossa nação. Com isso, Freire (1970, p. 31) diz que: não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora”.

A escola e a educação não são entidades isoladas; são entrelaçadas nos tecidos sociais mais complexos e diversificados. A educação não se confina às salas de aula, mas permeia todos os aspectos da vida cotidiana, moldando-se e sendo moldada pelo contexto em que está imersa. Os saberes são construídos nos mais diversos espaços sociais, e a escola emerge como um lugar privilegiado para essa construção.

Nesse contexto, a Educação de Jovens, Adultos e Idosos assume um papel crucial. Ela é mais do que uma resposta à negação histórica do direito à educação; é um agente de transformação social, capaz de romper barreiras e proporcionar oportunidades a todos,

independentemente da idade. A EJA é um elo vital entre passado e presente, um testemunho de resiliência e perseverança diante das adversidades.

Ao empreender esta jornada de investigação, o cerne do nosso propósito foi mergulhar nas vivências dos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) para compreender, de forma profunda, os desafios que permeiam suas trajetórias educacionais. Cada passo desta pesquisa foi cuidadosamente delineado com o intuito de não apenas analisar, mas também compreender a complexidade das experiências vividas por esses sujeitos, buscando lançar luz sobre suas narrativas e desvelar as nuances que envolvem a permanência na escola.

No primeiro ponto de nosso percurso, propusemo-nos a desbravar a construção histórica da Educação de Jovens, Adultos e Idosos ao longo dos tempos. Compreender as raízes dessa modalidade educacional nos permitiu contextualizar as lutas e conquistas que pavimentaram o caminho até os dias atuais. A história, então, revelou-se não apenas como um conjunto de eventos passados, mas como um fio condutor que conecta o passado ao presente, influenciando diretamente o contexto educacional vivenciado pelos estudantes da EJAI.

Na sequência, mergulhamos nas narrativas singulares desses estudantes, buscando não apenas compreender, mas também refletir sobre as dificuldades que enfrentam em sua busca pela escolarização. Cada história se tornou uma peça fundamental no quebra-cabeça da nossa compreensão, permitindo-nos vislumbrar os obstáculos, superações e anseios que moldam suas jornadas educacionais.

Por fim, direcionamos nosso olhar para o futuro, identificando as expectativas que esses estudantes depositam na escolarização na modalidade da EJAI. Essa etapa revelou-se crucial para desenhar um panorama completo, onde não apenas os desafios, mas também as esperanças e aspirações desses sujeitos encontram espaço para serem compreendidos e respeitados.

Assim, ao trilhar esses caminhos de reflexão e pesquisa, buscamos ir além de números e estatísticas, adentrando o universo íntimo e singular de cada estudante. Nosso compromisso foi, e continua sendo, dar voz a essas narrativas, honrando a riqueza de suas experiências e contribuindo para a construção de uma compreensão mais profunda e humanizada da Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

Ao empreender a jornada desta pesquisa, optamos por fundamentá-la nos princípios da metodologia qualitativa. Essa abordagem não apenas permitiu, mas encorajou o pesquisador a estabelecer um contato direto e autêntico com o objeto de estudo, proporcionando uma compreensão mais profunda e significativa de todos os fenômenos investigados.

No âmbito das análises de dados, nos lançamos em incursões pelas pesquisas bibliográficas, explorando referenciais teóricos que não apenas respaldaram, mas também

enriqueceram nossa compreensão do tema em questão. Essa busca pelo conhecimento consolidou-se como uma etapa fundamental, proporcionando um aprofundamento consistente e embasado, fundamental para nortear nossas reflexões.

A pesquisa de campo, por sua vez, abraçou a ferramenta do questionário como meio de coleta de dados. Esse instrumento revelou-se enriquecedor, dando espaço aos participantes de externarem as suas percepções e permitindo a captação de uma diversidade de perspectivas. As respostas obtidas foram mais do que simples dados; foram testemunhos vivos, contribuindo para a tessitura de um retrato mais completo do objeto de estudo.

Assim, ao concluir esta etapa da pesquisa, podemos afirmar que os instrumentos adotados foram mais do que meras ferramentas; foram guias essenciais que, de maneira complementar, atenderam e superaram as expectativas, proporcionando um resultado final que reflete a profundidade e humanização almejadas em nossa investigação.

Assim, na trama intrincada que é a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), desvendar suas particularidades é mais do que uma simples busca por conhecimento. Trata-se de imergir em uma narrativa repleta de lutas, negações e exclusões que muitos sujeitos experimentaram ao longo de suas vidas. Hoje, esses mesmos sujeitos têm a oportunidade de retornar ao ambiente educacional, resgatando um sonho que foi abruptamente interrompido na infância ou adolescência.

Ao escutarmos as vozes dos participantes desta pesquisa, emergem reflexões profundas sobre a importância singular da EJAI para cada um deles. Contudo, o panorama que se desenha transcende o âmbito individual. As questões que permeiam as trajetórias de vida desses sujeitos, assim como o processo complexo da EJAI no contexto brasileiro, demandam uma compreensão aprofundada. Este entendimento não se restringe apenas aos educadores, mas convoca toda a sociedade a se envolver nessa reflexão, almejando melhorias significativas e o aprimoramento da qualidade educacional para esses sujeitos. A EJAI não é apenas uma modalidade educacional; é um convite à compreensão e à transformação de realidades, um passo crucial na construção de um sistema educacional mais inclusivo e justo.

REFERÊNCIAS

- ALBURQUE, Alessandra de Carvalho Silva; SOUZA, Diana Dayse do Nascimento. **Educação de Jovens e Adultos: enfrentamento da exclusão social**. 2013. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- ALMEIDA, Rodrigo Davi. **Ser Professor de História: A Importância da Fundamentação Teórica na Prática Docente**. XI Jornada do HISTEDBR. Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá. 2013.
- ANDRADE, Saulo José Veloso de. **Retorno e Permanência de Idosos na Educação de Jovens e Adultos no Município de João Pessoa-PB**. 2022. 445f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 2022.
- ARAÚJO, Tatiana Karla Maria de Queiroz. **A Educação de Jovens e Adultos: expectativas dos Alunos em Relação ao Retorno Escolar**. 2017. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- ARROYO, Miguel. Formar Educadoras e educadores de Jovens e Adultos. In: SOARES, Leôncio (org.). **Formação de Educadores de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.
- BELUZO, Maria Ferreira; TONIOSSO, José Pedro. **O Mobral e a Alfabetização de Adultos: considerações históricas**. Cadernos Educação: Ensino e Sociedade, SP, 2015.
- BESERRA, Valesca; BARRETO, Maribel Oliveira. Trajetória da Educação de Jovens e Adultos: Histórico no Brasil, Perspectivas Atuais e Conscientização da Alfabetização de Adultos. **Cairu em Revista**, n. 4, v. 3, 2014. p. 164 – 190.
- BRANDÃO, Carlos Henrique, **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção primeiros passos; 38)
- BRASIL, BNCC (2018). **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação: Brasília, 2018.
- BRASIL, Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. Senado Federal 1988.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**, Brasília, 1996.
- BRITTO JÚNIOR, Álvaro Francisco de; FERES JÚNIOR, Nazir. **A Utilização da Técnica da Entrevista em Trabalhos Científicos**. Evidência: Olhares e Pesquisa em Saberes Educacionais. Araxá, v. 7, n. 7. 2011.
- BRUNO, Ana Sofia. **Estudo de Caso com Adultos em Processo de Alfabetização**. 2010. 78f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

CALDEIRA, Liliam Cristina. **Da Escolarização à Reinvenção de si: os sentidos da aprendizagem para o educando da EJA.** 2011. 205f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese) – Unidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2011.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. **O Questionário na Pesquisa Científica.** Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP), 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. **A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios.** Revista Portuguesa de Educação. Universidade do Minho Braga. Portugal. Vol. 16, N° 02. 2003.

DOURADO, Maria Oliveira da Conceição; ALENCAR, Diego Pinheiro. **Retorno a Escola: os desafios da EJA diante da inclusão socioeducacional no Brasil.** 2022. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Doverlândia, Goiás, 2022.

FELIANO, Creuza Bonono; FERREIRA, Denilza Oliveira Costa; DELGADO, Omar Carrasco. **O Perfil e os Desafios Enfrentados pelos Alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA.** 2018.

FONSECA, Genaro; FERREIRA, Luís Henrique. Educação para Emancipação: a experiência de Paulo Freire em Angicos – RN. **Revista Científica Novas Configurações**, Luziânia, v. 2, n. 3, 2021. P. 217 a 238.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido:** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GÁRCIA, Juliana de Vietro; MACHADO, Thais; ZERO, Maria Aparecida. O Papel do Docente na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Científica de Letras – diálogos pertinentes**, v. 9, n. 1, jan/jun. 2013. P. 65 – 90.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 2. ed. São Paulo: Atlas. 1989. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social-1989.pdf>. Acesso em 4 de Março de 2016.

GOMES, Valesca dos Santos. **Reconhecimento Social e Permanência na EJA.** 2015. 76f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2015.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n° 14, mai/jun/jul/ago, 2000.

LEITE, Sandra Fernandes. **O Direito à Educação Básica para Jovens e Adultos da Modalidade EJA no Brasil: um resgate histórico e legal.** 2013. 355f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

LUCINDO, Nilzilene Imaculada; GONZAGA, Marcos. **Trajetórias Escolares Narradas por Cinco Alunos da Educação de Jovens e Adultos Concluintes do Ensino Médio**, 2016.

MATOS, Alício Rodrigues; SOUZA, Vangivaldo de Meneses; SOUSA, Leliana Santos de. **O Aluno da EJA, o Trabalho e a Participação na Renda Familiar**. XII Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade, set., 2018.

MOREIRA, Valéria da Silva. **Educação de Jovens e Adultos (EJA): uma reflexão sobre o abandono escolar**. 2014. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MOZZATO, Anelise Rebelato; Grzybovski, Denise. **Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios**. Anpad, Curitiba, 2011.

MUSSI, Ricando Franklin de Freitas; MUSSI, Leila Maria Prates Teixeira; ASSUNÇÃO, Emerson Tadeu Contrim; NUNES, Claudio Pinto. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revistas Sustinere**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, jul/dez. 2019. P. 414 – 430.

NASCIMENTO, Tadeu Cincurá de Andrade Silva. **A Importância da Metodologia da Pesquisa para a Produção de Conhecimento Científico nos Cursos de Graduação: A Singularidade Textual dos Trabalhos Científicos Jurídicos**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal da Bahia, 2013.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Reflexões Acerca da Organização Curricular e das Práticas Pedagógicas na EJA**. 2007.

PEREIRA, Adriana Soares; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; PARREIRA, Fábio José; SHITSUKA, Ricardo. **Metodologia da Pesquisa Científica**. 1 ed. Santa Maria/RS: UFSM, 2018.

PINHEIRO, Salomé Maria da Silva. **O Perfil do Aluno da EJA na Atualidade**. CONEDU – Congresso Nacional de Educação, out., 2020.

REICHARDT, Mirian; SILVA, Caroline. A Importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Cadernos Intersaberes**, v. 9, n. 23, 2020.

SÁ, Franklin Vieira de. **Alunos da Modalidade EJA: a dupla jornada e sua condição física e psicológica para os estudos**. CONEDU – Congresso Nacional de Educação, set., 2014.

SANTOS, Géssica Leal dos; ANDRADE, Maria Eurácia Barreto de. Começar de Novo: um estudo sobre as trajetórias de exclusão e expectativas de jovens e adultos que retornam à escola. In: ANDRADE, Maria Eurácia Barreto de (Org.). **Educação de Jovens, Adultos e Idosos: realidade, desafios, e perspectivas no curso de pedagogia**. Curitiba: CRV, 2017.

SANTOS FILHO, Agnaldo Pedro; COUTO, Lêda Regina de Jesus. Educação de Jovens e Adultos: perfil do alunado e a formação dos professores de inglês. **Revista Sítio Novo**, Instituto Federal do Tocantins, v.4, n.4, Palmas, Out./Dez. 2020. P. 300 a 310.

SANTOS, Juliana Silva dos. Entre Idas e Vindas: uma diversidade de sentidos para a escola de EJA. 2018. 219f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVA, Francisca Veridiana da. **Uma Breve Discussão sobre quem são Sujeitos da EJA e quais as suas Expectativas na Sala de Aula.** 2017. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SILVA, Isabel Pereira dos Santos; Itamí Luiz de Lima; ARAÚJO, Roberto dos Santos. Permanência dos Alunos na Educação de Jovens e Adultos – EJA – Propostas de Ações Motivadoras. 2010. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SILVA, José Barbosa da. Valorização dos Saberes docentes na formação de professores da EJA. In: SOARES, Leôncio (org.). **Formação de Educadores de Jovens e Adultos.** Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

SILVA, Shirley Ângela da; FERREIRA, Shirley Lopes; FERREIRA, Daniela Maria. **A Expectativa dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com Relação à Educação para o trabalho.** Educar e Transformar, 2017.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve História sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, nº 38, Campinas, 2010. p. 49-59.

VEIGA, Luciana Lima de Albuquerque da. **A Educação de Jovens e Adultos: Histórico, Panorama e Proposta de Intervenção Pedagógica por meio do Lúdico.** 2017. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ, 2017.

APÊNDICES**APÊNDICE I****CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Título da Pesquisa: Narrativas sobre a Permanência na Educação de Jovens, Adultos e Idosos: superando desafios e traçando metas

Pesquisadora: Marisa Pereira de Oliviera

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Eurácia Barreto de Andrade

ROTEIRO DE ENTREVISTA**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO (A) ENTREVISTADO (A)**

1. QUAL O SEU SEXO?

() MASCULINO

() FEMININO

() OUTRO

2. QUAL A SUA IDADE?

() ENTRE 18 E 25 ANOS

() ENTRE 26 E 33 ANOS

() ENTRE 34 E 42 ANOS

() ENTRE 51 E 60 ANOS

() MAIS DE 60 ANOS

3. QUAL O SEU ESTADO CIVIL?

() SOLTEIRO

() CASADO

() DIVORCIADO

() VIÚVO

() UNIÃO ESTÁVEL

4. ESTUDOU NA INFÂNCIA?

- () SIM
- () NÃO

5. QUAL O MOTIVO DE NÃO TER ESTUDADO OU CONTINUADO OS ESTUDOS?

- () TRABALHO
- () CASAMENTO
- () DISTÂNCIA PARA A ESCOLA
- () OUTROS

6. TEM FILHOS

- () SIM
- () NÃO

7. SE SIM, QUANTOS?

- () 1 FILHO
- () 2 FILHOS
- () 3 FILHOS
- () 4 FILHOS OU MAIS

8. TEM FILHOS NA ESCOLA?

- () SIM
- () NÃO

9. SE SIM, QUANTOS?

- () 1
- () 2
- () 3
- () 4 OU MAIS

10. QUAL A SUA PROFISSÃO OU OCUPAÇÃO?

- () LAVRADOR/LAVRADORA
- () DONA DE CASA
- () APOSENTADO/APOSENTADA

- () PEDREIRO
- () AJUDANTE DE PEDREIRO
- () OUTROS

11. TEM ALGUÉM NA FAMÍLIA NÃO ALFABETIZADO?

- () SIM
- () NÃO

12. SE SIM, QUEM?

- () PAI OU MÃE
- () AVÔ OU AVÓ
- () IMÃOS
- () TIO OU TIA
- () SOBRINHOS
- () TIOS
- () OUTROS

I. DADOS SOBRE AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS SUJEITOS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO.

1. FALE UM POUCO SOBRE A SUA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA DEPOIS DE ADULTO.

2. VOCÊ TEM PASSADO POR DIFICULDADE PARA FREQUENTAR A ESCOLA? QUAL (IS)?

3. O QUE VOCÊ COSTUMA FAZER PARA SUPERAR AS DIFICULDADES E PERMANECER NA ESCOLA?

II. DADOS SOBRE AS EXPECTATIVAS COM A PERMANÊNCIA NA EJAI.

4. EM SUA OPINIÃO, A NÃO OPORTUNIDADE DE ESTUDAR NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA TROUXE ALGUM PREJUÍZO PARA A SUA VIDA? POR QUÊ?

5. O QUE VOCÊ ESPERA CONQUISTAR DEPOIS QUE CONCLUIR SEUS ESTUDOS NA EJAI?

6. EM SUA OPINIÃO, O ESTUDO NA EJAI CONTRIBUIRÁ OU NÃO PARA MELHORIA DA SUA VIDA? POR QUÊ?

AGRADECEMOS A SUA CONTRIBUIÇÃO À NOSSA PESQUISA. MUITO OBRIGADA!